



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**SOBRE A NATUREZA DA RELIGIÃO EM HUME:
ASPECTOS FILOSÓFICOS E METODOLÓGICOS PARA AS CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES**

JULIANA RAMOS DA COSTA HENRIQUE

**JOÃO PESSOA
2016**

**SOBRE A NATUREZA DA RELIGIÃO EM HUME:
ASPECTOS FILOSÓFICOS E METODOLÓGICOS PARA AS CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES**

JULIANA RAMOS DA COSTA HENRIQUE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Msc. Bruno Pontes da Costa MD.

**João Pessoa
2016**

H519s Henrique, Juliana Ramos da Costa.

Sobre a natureza da religião em Hume: aspectos filosóficos e metodológicos para as Ciências das Religiões / Juliana Ramos da Costa Henrique. – João Pessoa: UFPB, 2016.

71f.

Orientador: Bruno Pontes da Costa

Monografia (graduação em Ciências das Religiões - licenciatura)
– UFPB/CE

1. Filosofia. 2. Educação. 3. Empirismo. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 2-1(043.2)

JULIANA RAMOS DA COSTA HENRIQUE

**SOBRE A NATUREZA DA RELIGIÃO EM HUME:
ASPECTOS FILOSÓFICOS E METODOLÓGICOS PARA AS CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões. **Avaliado e aprovado.**

.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Bruno Pontes da Costa MD (Orientador)
Departamento de Teologia/PEPG/EST

Prof. Ms. Siméia de Castro Ferreira Neves (Membro 1)
UFPB

Prof. Msc. Marcos Aurélio Martins da Costa (Membro 2)
UNIGRENDAL

João Pessoa, **07 de junho de 2016.**

A Deus e a Mãe Natureza,
essência da Vida!

E aos meus pais, Solange da
Costa Henrique e Gival Querino
Henrique e a meu irmão Rafael
Ramos da Costa Henrique que
me ajudaram a dar meus
primeiros passos.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A *Deus* e a *Mãe Natureza*, fontes de uma Espiritualidade Libertadora, pois o homem é uma relação de cuidado entre o espírito e a matéria.

Aos meus pais, *Solange Henrique (com um carinho especial)* e *Gival Henrique*, por proporcionarem o cuidado necessário para comigo e com meu irmão, cumprindo a missão divina e humana. Com carinho de filha que aprende a reconhecer, ainda de forma imperfeita, que a família é o núcleo da sociedade.

Ao meu irmão *Rafael Henrique*, por ser uma pérola preciosa e ao devolver-me o brilho em momentos difíceis, pelo apoio na minha vida acadêmica.

Avós maternos e paternos, respectivamente, *Severina Ramos e Francisco Costa e Alice Querino e Manoel Henrique (in memorian)* pela garra de cuidarem dos filhos, oferecendo-os o que tinha de melhor.

Aos tios e tias, que se fazem presentes em minha vida e que torcem pelos meus sonhos.

As minhas sobrinhas *Déborah Emmelly* e *Sofia Oliveira*, que construíram doces gestos em momentos únicos e inesquecíveis na minha vida.

As minhas queridas afilhadas *Ana Luiza, Sabrina* e *Victória* que são presentes de Deus em minha vida.

A Profa. Dra. *Marília de Franceschi Neto Domingos* a quem devo o conhecimento da existência do curso e tomo como referência sua postura profissional e ética diante a realidade que nos encontramos.

Ao orientador e companheiro na Construção de outro mundo possível e necessário, pela paciência e orações, *Msc. Bruno Pontes da Costa MD*. Admiro-o como estudante, educador e Pastor!!!

Aos Mestres examinadores, *Ma. Siméia Neves* e *Msc. Marcos da Costa*, por aceitarem o convite de compor a banca, e de participarem deste momento em minha vida. Muito obrigada!

Aos tradutores do ‘*resumen*’ e ‘*abstract*’, respectivamente, *Joaquin Lopes Vieira* graduado em Letras-Espanhol (UFPB), Atuação extra-curricular: metodologia do ensino e da pesquisa; tradução, por ajudar-me na valorização do espanhol, considerando as lutas e conquistas dos povos Latino-Americanos e *Humberto Júnior*, pela disponibilidade de contribuir na acessibilidade do trabalho através do idioma mais utilizado na comunicação entre os estrangeiros.

A Profa. Dra. *Suelma Moraes*, por ter conseguido através de sua postura profissional e ética enfatizar a importância dos méritos pessoais, conquistados através de esforços.

Aos *docentes, professores(as) e educadores(as)* que contribuíram para minha formação cidadã e ética na trajetória do Curso de Graduação em Ciências das Religiões (Licenciatura).*

Aos *discentes* e aos *estudantes* que me fazem refletir que somos seres que precisamos viver intensamente *metamorfoses*, pois *o tempo não pára*. E que devemos optar em ser *plateia* ou *autores* de nossa história pessoal, sem esquecer-se da história coletiva.

As colegas de trabalho nas pessoas de *Adriana, Andreia, Aparecida, Josélia, Luciana, Pryscylla, Renata e Roseane*, que acompanharam a construção do trabalho e foram compreensivas com as minhas ausências profissionais.

A *Paróquia Santa Clara* e ao *Grupo de Crisma*, respectivamente nas pessoas do Pároco *Pe. Antônio Maria Guerin* e *Josilene Pereira*, que me acolheram e compreenderam com as minhas faltas, uníamo-nos na oração.

A *Aninha e Penha*, por me acolherem num momento decisivo e por me apresentarem as *Irmãs de Pe. Mazza*, sou-lhes eternamente grata.

A *Congregação Irmãs da Caridade do Sagrado Coração* – *Irmãs* de Padre Mazza (*Ir. Angiolina Giramonte* (Madre Geral), *Ir. Clautide Eloi*, *Ir. Edilma Silva**, *Ir. Maria das Graças*, *Ir. Perpetua Andrade* (Superiora da Comunidade da Paraíba e minha Madrinha), *Ir. Rosa Melucci* (Delegada do Brasil) e *Ir. Severina Nascimento*, pela preciosa atitude de acolher-me enquanto ser humano que precisa de cuidado. Posso dizer que vivi uns dos melhores momentos da minha vida, sou feliz por tê-las como extensão de minha família e por enfatizarem o pensamento “*dalla promozione personale all’ impegno per i più poveri. L’ottimo impegno, la buona índole e la moralità erano per il Mazza i presupposti per il suo intervento educativo.*” *Suor Rosa Melucci*. (O carisma Mazziano passa da promoção pessoal para um compromisso com os pobres. Ótimo engenho, boa índole e uma moralidade sadia era o pressuposto que Padre Mazza queria para sua intervenção educativa.)

A *Casa da Vovozinha* que me ajudou a enxergar a realidade com outras lentes.

A *Iyá Lúcia de Omidewá* pela partilha e acolhimento na trajetória do curso e por admirar sua ética religiosa e profissional. Faço minhas as palavras “*Awa iyo mà ranti. Ranti ile isedale bàbá wa. Olodumare yio ran iwo lowo. Ase ati alâfia.*” (Nós vamos continuar lembrando. Lembrando as origens, costumes e cultura de nossos ancestrais. Que Olodumare lhe estenda a mão. Axé e tudo de bom.) E sem esquecer de nossas origens possamos ser autores na construção de uma hu-ma-ni-da-de fraterna e justa. Querer é poder! “*Kí Èsù àti Ògún rànlówo o fihàn òna ré. Pe oni yi ti o le se Eni bá se oun tí enìkan ò se rí à rí ohun tí enìkan ò rí rí.*” (Que Exú e Ogum ajudem você a encontrar seu caminho. Quem faz o que ninguém fez, vai experimentar aquilo que ninguém experimentou.) (Tradutora do pensamento em iorubá, *Iyá Lúcia*.)

Aos companheiras(os) de caminhada *Beatriz, Claudiana, Hosana, Izabel, Jacqueline, Jéssika, Josilene, Maria da Luz, Natieli, Nonato, Raony* e ao psiquiatra *Roberto Mendes* por estarem presentes, com papéis indispensáveis, em dias traiçoeiros e floridos, e por torcerem pela recuperação do bem estar e atuação, pessoal e profissional.

Ao I Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora, Seminário Nacional de Fé e Política, Movimento dos Trabalhadores Cristãos e ao XI Encontro Nacional da Pastoral da Juventude nas pessoas de Marcelo Barros, Leonardo Boff, Frei Betto, Ivone Gebara, Geraldo e Claudete Frencken, Valmir Assis e Francisco, o bispo de Roma pela paciência e por acreditarem na juventude a partir de um despertar para uma análise crítica e construtiva da realidade atual para a construção de um outro mundo possível e necessário aqui e agora, que torna pesquisadores de outro mundo em estudiosos e transformadores neste mundo, no qual existe uma relação entre Deus, o homem e a Mãe natureza.

Ao Grupo de estudos '*Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum*' (Encíclica do Papa Francisco, que também compõe a *Doutrina social da Igreja*) apoiado pelo *Espaço Magis-PB* e a *Comunidade de Vida Cristã Inaciana Profeta Peregrino*, nas pessoas de Célia, Ir. Brunhilde, Luzian, Natieli e Rosa, por enfatizarem que precisamos dar o nosso *magis* a cada dia, vislumbrando sinais de amor e esperança, frutos do Reino de Deus. *Magis* "é um termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. Palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola, quer dizer que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos".

A Mãe Natureza e a Irmã Terra, agradeço-lhes por nutrir-me e peço-lhes perdão pela exploração desenfreada cometida pelos meus irmãos que só visam o lucro.

Aos felinos de mamãe, são eles: Dara, Esperança Vitória, Jasmin, Miele (*in memoriam*), Sara, Sila (*Prisioneira do Amor - Novela*), Sol, Dudu e Dunga por alegrar-me com seus aconchegos.

A diversidade religiosa e cultural brasileira, aos pobres e excluídos da sociedade, as minorias, aos índios, aos negros, as mulheres, aos homossexuais, as experiências libertadoras acontecidas na história a quem devo o meu cuidadoso olhar para a construção de uma sociedade humana e justa.

A música *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré no verso do refrão "*quem sabe faz a hora, não espera acontecer*", por ressaltar as faculdades do homem: sentir, pensar e agir.

A jovem *Democracia brasileira* pela conquista da superação da Ditadura Militar, pelas conquistas sociais e pela inclusão das minorias, ainda que de maneira imperfeita. E como um gesto de respeito e solidariedade digo não ao(s) golpe(s).

Ao filme *Descalço sobre a Terra Vermelha* que retrata a história de Dom Pedro Calsadáliga, um homem que define a vida ao dedicar-se a luta *para* e *com* a população pobre, tornando-os conscientes de seus direitos e a lutarem por eles. Esse filme ajuda-me a refletir o aspecto positivo e libertador advindo da religião, unindo o espiritual e o material.

Ao *Sagrado Coração de Jesus* e ao *Imaculado Coração de Maria*, ao qual sou devota por admirar o amor que emana do Coração do Filho e da Mãe e juntos possamos enfatizar a Campanha da Fraternidade 2016 cujo Tema: "Casa comum, nossa responsabilidade." e o lema que apoia-se em Amós 5,24 que diz "Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca."

Ao *Papa Francisco* “Peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. E tenham também a coragem de ser felizes!”

A *Marcelo Barros* “Que a luta de Jesus com os sistemas opressores nos ajude e ilumine nossas batalhas pacíficas para que possamos peregrinar a um mundo mais humano e de comunhão.”

A *Dom Heldér Câmara* “Sem justiça e amor, a paz sempre será a grande ilusão.”

A *Albert Einstein* “A Ciência sem a Religião é aleijada e a Religião sem a Ciência é cega.”

A *Jesus Cristo*, segundo Jo 10,10b “Eu vim para que tenham vida , e a tenham em abundância.”

Ao *Rabino Henri Sobel* “Deus nos quer a todos fiéis à sua aliança, colaborando para que o mundo inteiro se torne casa do seu *Shalom (Paz)*.”

A *Maomé* “Se eles se inclinam ‘A Paz, inclina-te tu também a ela e encomenda-te a Deus...”

Ao pensamento *Indígena* “Existem muitos povos, de muitas raças, falando várias línguas. Mas, para eles, só existe um sol, uma lua e uma mãe terra. Somos parte um do outro, pela vontade do Grande Espírito.”

A *Makota Valdina* “Não sou descendente de escravos. Eu descendo de Seres Humanos que foram escravizados.”

A *Darcy Ribeiro* “Sempre lutei para melhorar o Brasil. Lutei para salvar os índios, lutei pela reforma agrária, lutei pela escola pública. Prefiro ser um derrotado desse lado a ser um vitorioso do lado de quem persegue o índio.”

A *Nelson Mandela* “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

Ao *Dalai Lama* “A melhor religião é aquela que te faz melhor.”

A *Marília Domingos* “A tolerância religiosa, característica essencial da cidadania, não se constrói sobre um fundo de ignorância religiosa.”

E a *tod@s* que direta ou indiretamente, sob forma positiva ou negativa, contribuíram para essa conquista em minha vida pessoal, religiosa, acadêmica e profissional. Pois entro num itinerário *menina* e saio *mulher*. Com marcas profundas vividas em cada experiência. **Sou grata, Há-braços ☺!!!**

“A paixão pela filosofia assim como pela religião, são inconvenientes quando dirigidas com imprudência e egoísmo.”

David Hume

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a natureza da religião no homem a partir da filosofia da religião, a partir da filosofia e metodologia Humeniana, esta pauta-se que o conhecimento se dá através da experiência. Apresentando assim o fenômeno originário da experiência religiosa no homem, bem como seu posicionamento cético e crítico frente à religião ideal que se distancia da natureza humana e a influência da crença/religião na conduta do homem. Hume (2009) constata através da experiência que a crença é inerente a natureza humana, percebendo que esta traz uma ética ao crente que interfere no seu modo de pensar, sentir e agir no mundo. Sendo assim considerando os aspectos antropológicos, culturais e religiosos do crente faz-se necessário um espaço, onde as diferenças se encontram e podem ser enrijecidas ou flexibilizadas através do diálogo, um deles é a escola. Assim possamos dialogar valores, construindo assim uma nova consciência e uma nova sociedade. Abordagem esta que transforma “seres no além” em “seres no aquém”, contribuindo assim para que os crentes, religiosos ou não, distanciem-se de superstições e busquem o necessário, diria que o indispensável diálogo entre fé, ciência e moral social. Para Hume, as superstições, religiosas ou não, distanciam o homem de sua natureza, tornando-o imóvel na existência presente. Fomos motivados pelo filósofo escocês a refletir e articular meios de diálogo sobre a natureza da religião almejando que os princípios da religião contribuam para uma construção humana diante da diversidade cultural e religiosa da realidade brasileira, para um novo tempo distante de superstições. O presente trabalho demonstra a necessária observação da experiência para que venhamos manter a necessária relação entre o sentir e o pensar.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Empirismo. Ciências da Religião. Ensino Religioso.

RESUMEN

El presente trabajo objetiva reflexionar respecto a la naturaliza de la religión en el hombre a partir de la filosofía de la religión, por medio de la Filosofía y metodología Humeniana, la cual se basa en la idea de que el conocimiento viene de la experiencia. Se presenta, de esta manera, el fenómeno originario de la experiencia religiosa en el hombre, bien como su posicionamiento cético y crítico frente a la religión ideal que se aleja de la naturaleza humana y a la influencia de la creencia/religión en la conducta del hombre. Hume (2009) constata a través de la experiencia que la creencia es inherente a la naturaleza humana, percibiendo que ésta lleva una ética al creyente que interfiere en su modo de pensar, sentir y actuar en el mundo. A partir de esta idea, considerando los aspectos antropológicos, culturales y religiosos del creyente, se necesita un espacio, donde las diferencias se encuentran y pueden ser enrigidecidas o flexibilizadas mediante el diálogo, uno de ellos es la escuela. Luego, podemos dialogar sobre valores, construyendo una nueva consciencia y una nueva sociedad. Tema el cual transforma “seres en más allá” en “seres en el acá”, contribuyendo para los creyentes, religiosos o no, alejarse de supersticiones y busquen lo necesario, diría lo indispensable diálogo entre fe, ciencia y moral social. En la concepción de Hume, las supersticiones, religiosas o no, alejan el hombre de su naturaleza, quedándose inmóvil en la existencia presente. Fuimos motivados por el filósofo escocés a reflexionar y articular medios de diálogo relativo a la naturaleza de la religión, teniendo como meta los principios de la religión, los que contribuyan para una construcción humana ante la diversidad cultural y religiosa de la realidad brasileña, para un nuevo tiempo distante de supersticiones. El presente trabajo demuestra la necesaria observación de la experiencia para que vengamos mantener la necesaria relación entre el sentir y el pensar.

Palabras clave: Filosofía. Educación. Empirismo. Ciencias de la Religión. Enseñanza Religiosa.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the nature of religion for humans from the perspective of philosophy of religion and under the approach of Hume's philosophy and methodology, which is guided by the assumption that knowledge is acquired through experience. Thus presenting the originating phenomenon of religious experience for humans and his skeptical and critical position against the ideal religion which is far from the human nature and the influence of belief/religion in the conduct of man. Hume (2009) found through experience that belief is inherent in human nature, realizing that this brings a specific ethical to the believer which interferes in his way of thinking, feeling and acting in the world. So considering the anthropological, cultural and religious aspects of the believer it is necessary a space where differences can be present and also can be hardened or eased through dialogue, one of them is the school. That way we can talk about values, thus building a new consciousness and a new society. An approach that transforms "beings in the beyond" into "beings from this side", then contributing to the believers, religious or not, alienate their superstitions and look for the necessary, I would say the essential dialogue, between faith, science and social morality. As per Hume, superstition, whether religious or not, distance humans of their own nature, making them motionless on current life. We have been motivated by the scottish philosopher to reflect and articulate means to discuss about the nature of religion aiming that the principles of religion contribute to a human construction, given cultural and religious diversity of brazilian reality, towards a new time away from superstition. The present work demonstrates the necessary observation of the experience in order to maintain the indispensable relationship between feeling and thinking.

Keywords: Philosophy. Education. Empiricism. Science of Religion. Religious Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PERCEPÇÕES DA RELIGIÃO EM HUME	17
1.1 As visões de Religião para Hume	24
1.2 A relação entre a religião e <i>psique</i>	28
2. OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DE HUME PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	34
2.1 Os fundamentos das Ciências das Religiões em Hume	41
2.2 As relações da filosofia da religião e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional	50
3. A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO HUMANA	55
3.1 A religião e suas relações com a Política	55
3.2 A religião e suas relações na Educação	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERENCIAS	69

INTRODUÇÃO

Considerando os traços históricos e as discriminações causadas pela religião, em outras palavras, por enfatizar um modelo absoluto e inflexível de experiência religiosa, oficialmente justificada, visamos uma reflexão acerca da natureza da religião a partir da natureza do homem. Dentro desta perspectiva, a partir das contribuições filosóficas e metodológicas de David Hume, verificamos que a experiência religiosa é monopólio da natureza humana e não de religiões institucionalizadas ou não.

David Hume (1711–1776) apresenta-nos a experiência como base do conhecimento, ele refere-se a sua teoria como método de análise das manifestações da **mente e ações** do homem, pautada na experiência sensível. Segundo ele:

Mesmo a *matemática*, a *filosofia da natureza* e a *religião natural* dependem em certa medida da ciência do Homem, pois são objetos do conhecimento dos homens, que as julgam por meio de seus poderes e faculdades [...] Tais melhoramentos seriam sobretudo bem-vindos no caso da religião natural, que não se contenta em nos instruir sobre a natureza dos poderes superiores, mas vai além, considerando ainda as disposições desses poderes em relação a nós, assim como nossos deveres para com eles. Em consequência disso, nós não somos simplesmente os seres que raciocinam, mas também um dos objetos acerca dos quais raciocinamos. (HUME, 2009, p.21).

A partir da *Ciência do Homem* podemos poderemos argumentar o entendimento humano a partir do qual ele é produzido, sobretudo a religião, mais precisamente a religião natural, esta sendo de suma significância para apresentar como os processos naturais diferem da razão humana, em sua complexidade, enquanto suposta base do conhecimento sobre o mundo e inacessível às situações básicas da vida, apresentando assim os limites e potencialidades do entendimento humano.

Na tentativa de esclarecer inevitáveis obscurantismos e absolutismos causados pela religião, tais como incoerências entre teoria, prática e possíveis resistências ao diálogo com o diferente, analisaremos a natureza da religião no homem a partir da filosofia da religião.

Portanto, tomamos consciência que a filosofia das religiões pautada na experiência dar-nos-ia um apoio para as Ciências das Religiões, uma vez que ela traz elementos que nos auxilia a perceber o que existe de essencial e necessário para que o homem se reconheça como um ser que sente e pensa.

No capítulo I refletiremos sobre as percepções de religião apresentadas por Hume e outros pensadores, tais percepções demonstram que a religião, a crença, tece a natureza

humana, bem como apresentaremos que as origens do sentimento religioso não partem de uma contemplação racional da natureza, mas de uma preocupação diante dos acontecimentos cotidianos, tais como a esperança, o medo, as necessidades e as causas desconhecidas que intervêm no espírito do homem.

No capítulo II apresentaremos as contribuições metodológicas de Hume para as Ciências das Religiões, tais como a experiência como base do conhecimento e de perceber a condição humana tecida de paradoxo que se complementam, tais como a imaginação e a razão; a imanência e a transcendência; sentimento e pensamento; *irracional* e *racional*. E como podemos abordar as diferentes experiências de tais paradoxos na sala de aula, a partir da disciplina de Lei, o ensino religioso. Garantindo a laicidade do estado brasileiro, enfatizando o respeito e a tolerância considerando a diversidade religiosa e cultural da sociedade brasileira.

No capítulo III demonstraremos, através da história que os valores tecidos na família, política e educação, de uma maneira breve, são fatores essenciais que contribuem para a construção humana. Essa construção será positiva caso exista o diálogo entre as diferenças para um convívio social, logo uma cultura da vida e negativa quando se fecha a interesses pessoais, logo uma cultura de morte. Apresentaremos também a significância das primeiras percepções de convivência construídas na família deve ser posta em diálogo no espaço escolar com outras percepções para que assim possamos contribuir para um respeito e uma construção humana coletiva, considerando a diversidade religiosa brasileira, evitando assim intolerâncias religiosas que é mãe da ignorância, uma vez que desconhece como se dá o fenômeno religioso, como um fenômeno da natureza humana.

O método utilizado foi uma análise bibliográfica através de reflexões histórico-crítica sobre a filosofia e metodologia Humeniana que buscam apresentar que a religião diz respeito à natureza do homem.

Deste modo, apresentamos a negação do papel da religião a partir da perspectiva do autor supracitado, uma vez que a religião é idealizada e distancia seus princípios da prática e do convívio social, logo enfatizaremos que os elementos que sustentam os “seres do além” devem criar uma crença nos “seres do aquém”, tais expressões são do filósofo alemão, Ludwig Andreas **Feuerbach** (século XIX), conhecido pelo seu ateísmo humanista – pretende transformar a teologia em antropologia, logo visa converter os candidatos do **além** em estudiosos no **aquém**.

Logo verificamos que as paixões antecedem a reflexão, sendo esta uma impressão que deve manter a indispensável relação com a ideia e a constante construção e verificação da conduta humana. A religião é uma paixão que nasce a partir da sensibilidade, não podemos dispensar, mas enfatizar a consciência desta sensibilidade em consonância com a necessária relação com o meio para que assim ocorra o convívio em sociedade.

1 PERCEPÇÕES DA RELIGIÃO EM HUME

Diante da multiplicidade do fenômeno religioso, pois:

A crença em um poder invisível e inteligente tem sido amplamente difundida entre a raça humana, em todos os lugares e em todas as épocas, mas talvez não tenha sido tão universal a ponto de não admitir exceção nenhuma; nem tenha sido, em alguma medida, uniforme nas ideias que fez nascer. (HUME, 2005, p. 21)

Propomo-nos aqui refletir sobre a natureza da religião em Hume, porém podemos perguntar: Como será possível abordar a natureza da religião uma vez que o objeto Divino é comumente compreendido como algo sobrenatural, logo não verificável? Consequentemente, não seria nosso trabalho uma especulação pautada no esvaziamento acadêmico, supondo basear-se em fenômenos não verificáveis pela ciência? O filósofo escocês investiga a crença religiosa proveniente da natureza humana, sem pressupor a existência em Deus, apresentando como funciona o sistema de crenças. Antes de prosseguirmos com as reflexões a partir da filosofia e metodologias do filósofo escocês, vejamos brevemente sua biografia almejando verificar seu posicionamento crítico e cético diante ao modelo de religião idealizado de sua época, desta forma seus estudos o levaram a refletir o problema da época apresentando um estudo concreto, a partir da natureza do homem.

David Hume (1711-1776) nasceu e morreu em Edimburgo (Escócia), filho mais novo de Joseph Hume, homem de posses e Catherine Falconer; filha de Sir Dadv Falconer, presidente da corte de justiça escocesa.

Os Hume eram um ramo dos condes de Home, ou Hume, uma família influente da fronteira cujo poder estava em Berwickshire. Eram da linha política Whiggish (partidários da monarquia constitucional em oposição ao absolutismo por direito divino) e de religião calvinista. Um tio de Hume era o pastor da Igreja Escocesa local, freqüentada regularmente por ele na sua infância. (COBRA, 1997, p.1).

Na época era costume cursar universidade ainda na adolescência, de três a quatro anos de estudos. Hume estudou de onze aos quinze anos na Universidade de Edimburgo, decidiu aprimorar seus conhecimentos de maneira independente. Por ser tradição da família materna e paterna a formação em Direito, fora pressionado pela família. Porém Hume dedicou-se à literatura e filosofia, tais estudos o lançaram a uma dúvida religiosa.

O próprio Hume descreveu como, quando jovem estudante, ele encarava seriamente a religião e seguia escrupulosamente uma lista de preceitos morais

tirados do livro *The Whole Duty of Man*, um devocionário calvinista editado por Richard Allestree, um editor de almanaques e livros populares de então. Porém, durante aqueles anos de estudo particular, começou a sentir dúvidas que o assaltavam e que, como ele próprio conta, ele conseguia resolver mas que sempre voltavam novamente. Eram preocupações com as provas da existência de Deus, debaixo da influência que sofria dos ateus, principalmente na medida que lia sobre o assunto nos clássicos gregos e latinos e no "Dicionário Histórico e Crítico" de Pierre Bayle. Este filósofo cético e enciclopedista francês que editava o influente jornal *Nouvelles de la république des lettres* (Notícias da república das letras), tentava meter a Bíblia no ridículo. (COBRA, 1997, p.1).

Inseguro de si, o jovem Hume viveu uma vida de aventuras. E 1734 viajou para o interior da França, onde poderia complementar a sua educação com os poucos recursos que dispunha. “Ele pouco recebera da herança do pai, uma vez que, seguindo o costume do país, a propriedade foi herdada, por seu irmão (Como em Portugal, o regime de "morgado", que evitava a fragmentação das propriedades entre herdeiros).” (COBRA, 1997, p.1)

Na França, além de complementar seus estudos, também empenhou-se de escrever o “Tratado da Natureza Humana: Uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais”, visando assim a construção de um sistema filosófico completo pautado na natureza humana, logo a ciência do homem deve respaldar-se na experiência e observação. Na época o Tratado recebera pouca atenção, deixando o filósofo deprimido. “Hume propõe que todo conhecimento parte e deriva dos sentidos, opondo-se ao racionalismo cartesiano, que entende que o conhecimento está diretamente ligado à razão.” (SANTIAGO, 2016)

Em 1741, Hume publicou em Edimburgo dois volumes do “Ensaaios, Moral e Político”, esta obra fora escrita de forma mais acessível e obteve êxito. Hume ficou convencido que o pouco acolhimento do Tratado diz respeito ao estilo e planejou refundir a primeira obra. Diante do sucesso dos “Ensaaios” que encorajaram Hume a tornar-se candidato à cadeira de filosofia moral na Universidade de Edimburgo, em 1744. Vaga criada pelo afastamento de Pringle, o fundador da moderna medicina pelos princípios de higiene. Porém o conselho da cidade era responsável por eleger o substituto. “Hume não era o único candidato, mas considerado o mais importante” (COBRA, 1997, p.1). Porém diante de objeções que o consideravam um herege e mesmo ateu, considerando a obra o “Tratado”, circularam proposições perigosas de Hume. Diante do contexto religioso e do pensamento de Hume, 12 de 15 ministros se opuseram a dispor-lhe a vaga.

Hume viveu numa época em que a religião influenciava – e determinava – profundamente o pensamento e a conduta das pessoas. O filósofo, como qualquer

pensador, é filho do seu tempo. Interage com o contexto histórico-cultural [...] A filosofia de Hume deu-se dentro do contexto religioso da Escócia (e da Inglaterra) do século XVIII, época áurea para a teologia natural britânica. É dentro de tal contexto que a filosofia crítica e cética de Hume procura opor-se aos argumentos filosóficos-teológicos que davam sustentação do edifício da religião e da moralidade religiosa, principalmente em referência à religião de seus pais, o cristianismo protestante. (OLIVEIRA, 2013, p.161-162).

Após a publicação dos trabalhos supracitados, volta a morar em Edimburgo entre 1751 a 1763.

Essa etapa se inicia com uma tentativa para se conseguir que ele fosse indicado sucessor de Adam Smith, o economista escocês (que depois se tornaria seu amigo íntimo) para a cadeira de lógica em Glasgow. Não obteve a cátedra. O rumor de ateísmo prevaleceu novamente. (COBRA, 1997, p.1).

Em 1752 publica *Investigação sobre os princípios da moral*, esta obra não foi divulgada, passando assim despercebida. O seu insucesso pode se dar pela relação com a religião, ainda não bem vista através das abordagens de Hume, pois “este trabalho não ataca a religião diretamente, ele o faz indiretamente por estabelecer um sistema de moralidade sobre utilidade sentimentos humanos apenas, e sem apelo a comandos morais divinos.” (COBRA, 1997, p.2). Na opinião do filósofo, esta obra é incomparavelmente a melhor de seus escritos históricos, filosóficos ou literários.

Em 1752 publica “meu *Discursos políticos*, única de minhas obras que teve êxito assim que foi publicada e que foi bem recebida tanto na Inglaterra como na Escócia.” Hume (2006, p.54)

A doutrina de Hume foi criticada por ser sem Deus. Porém, pelo final do século Hume era reconhecido como o fundador da teoria moral da utilidade. O teórico político utilitarista Jeremy Bentham reconheceu a influência direta de Hume sobre ele. No ano seguinte Hume publicou seu “Discursos Políticos”, o qual atraiu louvor imediato e influenciou pensadores econômicos até hoje populares como Adam Smith, Thomas Malthus, e o anarquista William Godwin, autor de “Uma investigação concernente à justiça política”, e que polemizou com Malthus. (COBRA, 1997, p.2).

Ainda no ano corrente, Hume foi nomeado bibliotecário da Faculdade de Advogados, pouca remuneração, mas o põe a disposição uma biblioteca no qual concebeu o projeto de escrever a *História da Inglaterra*. Mas não obteve êxito, apenas censura, desaprovação e inclusive ódio. “Devo confessar que tinha esperanças no êxito desta obra.

Acredito ter sido o único historiador a desdenhar ao mesmo tempo o poder, os interesses, as autoridades e os clamores dos preconceitos populares da época.” (HUME, 2006, p.54)

O primeiro volume, no entanto, foi mal recebido, parte devido à defesa do monarca absolutista Carlos I, parte devido a duas seções que atacavam a cristandade. Na primeira, em uma passagem Hume salienta que os primeiros reformadores Protestantes eram fanáticos em sua oposição ao domínio dos católicos romanos. Na segunda, ele rotula o catolicismo romano como superstição que "como todas as outros tipos de superstição...aumenta o medo inútil dos infelizes mortais". (COBRA, 1997, p.2).

Enquanto vivia os insucessos, publicou em Londres *História natural da religião* (1757) e *Diálogos da religião natural* (ficou inédito e 1779, três anos após sua morte), seus trabalhos substanciais sobre religião, juntamente com outros ensaios.

Em 1756, um volume dos ensaios de Hume intitulado "Cinco Dissertações" foi impresso e pronto para distribuição. Os ensaios incluíam (1) "A história natural da religião", (2) "Das Paixões", (3) "Da tragédia", (4) "Do suicídio" e (5) "Da imortalidade da alma". As primeiras cópias circularam e alguém influente ameaçou processar o editor de Hume se o livro fosse distribuído como estava. A impressão das "Cinco Dissertações" foi então fisicamente alterada, com um ensaio "Do Padrão do Gosto" inserido em lugar dos dois ensaios removidos. Hume também aproveitou a oportunidade para alterar dois parágrafos particularmente ofensivos do "História Natural". Os ensaios foram então encadernados com o novo título de "Quatro Dissertações" e distribuído em janeiro de 1757. O *História Natural da Religião* foi publicado em Londres. Seus inimigos acusam-no de introduzir livros ateus na biblioteca. Roma colocou todos os seus escritos no Index, a lista dos livros proibidos na Igreja Católica Romana, em 1761. (COBRA, 1997, p.2).

Após tais acontecimentos foi convidado e nomeado secretário da embaixada e após Lord Hertford ser nomeado Lord Governador da Irlanda, 1765, ocupou o posto de encarregado de negócios até a chegada do próximo embaixador, que seria o Duque de Richmond. “No início de 1766 deixei Paris, e no verão seguinte estava de volta a Edimburgo com as mesmas intenções de antes: recolher-me em um retiro filosófico.” (HUME, 2006, p.58).

Na primavera de 1775 sofreu uma desordem intestinal que num primeiro momento, não me preocupou, mas que desde então, como agora seu, tornou-se uma doença mortal e incurável. Conto agora com uma morte rápida. Tenho sofrido pouquíssima dor advinda de minha doença e, o que é mais estranho, apesar do rápido declínio do meu corpo, meu espírito nunca se abateu em momento sequer. Tanto é assim que se tivesse que indicar o período da minha vida que preferiria viver novamente, me sentiria tentado a apontar este último. Possuo o mesmo ardor de sempre pelos estudos, e a mesma alegria na companhia de outras pessoas. (HUME, 2006, p.58-59).

David Hume faleceu em Edimburgo em 25 de agosto de 1776, com a idade de 65 anos, e foi enterrado em Calton Hill (Old Calton), em Waterloo Place. Cobra (1997).

Agora apresentaremos um pouco sobre sua teoria. O princípio da epistemologia de Hume baseia-se que todo conhecimento humano é fundamentado em *percepções*. O autor em questão apresenta-nos algumas definições das *percepções* da mente, que ele a divide em duas espécies: *impressões* e *ideias*. A diferença entre ambas diz respeito ao grau de força e vividez com que atingem a mente e influencia o nosso pensamento ou consciência.

As percepções que entram com mais força e violência podem ser chamadas de *impressões*; sob este termo incluo todas as nossas sensações, paixões e emoções, em sua primeira aparição à alma. Denomino *ideias* as pálidas imagens dessas impressões no pensamento e no raciocínio. (HUME, 2009, p. 25).

Logo, dizemos que as percepções são diretamente ligadas aos sentidos. Tanto a impressão quanto a ideia são percepções advindas de determinados objetos que encontram-se no mundo real, porém a primeira encontra-se associada às lembranças e a segunda à reflexão. Logo, aqui vemos respectivamente a diferença entre sentir e pensar, ou seja, nós sentimos o que se apresenta a nossa mente ou à nossa alma através da experiência e nós pensamos a cerca do que sentimos.

Assim, por exemplo, no sono, no delírio febril, na loucura, ou em qualquer emoção mais violenta da alma, nossas ideias podem se aproximar de nossas impressões. Por outro lado, acontece, às vezes, de nossas impressões serem tão apagadas e fracas que não somos capazes de as distinguir. (HUME, 2009, p. 26).

Assim, ressaltamos a diferença entre as impressões e as ideias, respectivamente, o caráter originário e a natureza reflexiva. “A *percepção* é tudo que pode estar presente à mente, seja quando usamos os sentidos, seja quando somos movidos pela paixão, fantasia, imaginação, ou quando exercitamos nosso pensamento e reflexão”. (HUME, 2009, p.685). Logo, podemos observar que a mente não tem apenas a capacidade de perceber e descrever, mas de criar, de fantasiar, esta também é sua atribuição, poderíamos ir mais além, enfatizando a criação de sentidos.

A *percepção* dá-se em contato do homem com uma realidade sensível, esta é verificável através da experiência, logo o homem é o sujeito. Portanto as *impressões* são as primeiras sensações e as *ideias* dizem respeito a leituras que se faz das impressões. Hume (2009) No que diz respeito à religião: Podemos falar de impressões ou ideias de Deus?

No livro *História Natural da Religião*, David Hume apresenta que as pessoas são impulsionadas a crença religiosa por dois aspectos, a saber: “a que se refere ao seu fundamento racional e a que se refere à sua origem da natureza humana.” (HUME, 2005, p.21). Respectivamente a que se refere a uma contemplação racional do universo e a que tem por base fatores psicológicos, independente de qualquer intenção de explicação racional, pautados em instintos como o medo e a esperança. “As primeiras ideias da religião não nasceram de uma contemplação das obras da natureza, mas de uma preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano.” (HUME, 2005, p.31).

A que se refere ao fundamento racional da religião - não abordaremos neste trabalho - pode exemplificá-lo através de uma experiência através da observação, que exige uma complexidade intelectual para exercer tal compreensão, realizaremos uma analogia entre a organização das casas e do Universo, vejamos

Pedras, argamassa e madeira, sem um arquiteto, nunca edificarão uma casa. No entanto, observamos que as ideias, por um inexplicável e desconhecido princípio de organização, dispõem-se na mente humana de modo a formar o projeto de um relógio ou de uma casa. A experiência, portanto, prova que há um princípio originário de ordenação da mente e não da matéria. (HUME, 1992, p.36).

Através desse exemplo, podemos começar a especular um autor(mente) inteligente que tenha formado um projeto amplo, que tenha dado origem ao universo, pois antes da organização da matéria, existe um princípio originário de ordenação da mente. Se existe tal ordenação para construção de casas, relógios... E para o Universo, então? Porém, esse argumento é demasiado complexo, ao compararmos aos princípios originais das primeiras ideias da religião, como fora supracitado, e é este que nos interessa.

Parece certo que, de acordo com o progresso natural do pensamento humano, a multidão ignorante deve, num primeiro momento, nutrir uma noção vulgar e familiar dos poderes superiores antes de ampliar sua concepção para aquele ser perfeito, que conferiu ordem a todo o plano da natureza. Seria tão razoável imaginar que os homens habitaram palácios antes de choças e cabanas, ou que estudaram geometria antes de agricultura, como afirmar que conceberam a divindade sob a forma de puro espírito, onisciente, onipotente e onipresente, antes de concebê-la como um ser poderoso, ainda que limitado, dotado de paixões e apetites humanos, de membros e órgãos. (HUME, 2005, p.24-25).

No livro *Origens*, Eliade apresenta-nos a religião não associada apenas às ideias de Deus, deuses ou fantasmas, mas às ideias de *ser, sentido e verdade*.

É lamentável não termos à nossa disposição uma palavra mais precisa que “religião” para designar a experiência do sagrado. (...) Mas talvez seja demasiado tarde para procurar outra palavra e “religião” pode continuar a ser um termo útil desde que não nos esqueçamos de que ela não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as ideias de ser, sentido e verdade. (ELIADE, 1989, p. 9).

Observamos que a experiência religiosa encontra-se associada ao sentido da existência, pessoal e coletivo, considerando aspectos sociais, históricos, culturais... Transpondo assim as interpretações tradicionais enrijecidas que conhecemos sobre ‘religião’.

Jung define religião, como um efeito não arbitrário que independe do desejo e da vontade do sujeito humano. O numinoso tem influências de objeto visível ou uma presença invisível que pode realizar alterações da consciência.

Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. (JUNG, 2002, p.7).

Veremos nos próximos capítulos como se dá a relação das divindades e os arquétipos, pois as primeiras imagens arquetípicas, imagens psíquicas presentes no inconsciente coletivo, logo um dado antropológico universal.

Rudoff Otto, em sua obra *O Sagrado*, objetiva apresentar a experiência que fundamenta a religião, o Sagrado é designação para a experiência do numinoso.

Embora utilize formulações *kantianas*, Otto aí toma o lado da polêmica de Schleiermacher contra todas as definições exógenas da religião, as quais pretendem interpretar esta, respectivamente, o sagrado como expressão de metafísica, moral, entendimento, esclarecimento iluminista, evolução. Para Otto, entretanto, a religião começa consigo mesma, ou seja, ele se opõe a toda e qualquer tentativa de derivar a religião de outras áreas. A religião precisa ser entendida a partir de si própria. A questão colocada por Otto era: quais são as experiências e vivências que constituem o fundamento da religião? *O Sagrado* é designação para a experiência do numinoso. [...] Otto trata da religião viva, da forma como o ‘numinoso’ atinge a pessoa humana, como o sagrado enquanto origem de toda religião se exprime em suas diversas formas. (BRANDT, 2007, p. 14-16).

Para Otto o sagrado é uma categoria composta, caracterizado pelos componentes irracionais e racionais.

Otto tem uma aproximação com o pensamento de Hume ao refletir sobre os aspectos irracionais e racionais que manifestam-se nas experiências humanas, respectivamente, ‘sagrado’ para Otto e as ‘causas desconhecidas’ para Hume que atinge a pessoa humana, esse seria o aspecto irracional, em outras palavras que ocorrem independente de um desejo racional.

1.1 As visões de Religião para Hume

O filósofo escocês pauta-se em duas teses para explicar que as pessoas são levadas a crença religiosa, primeiro através de uma contemplação racional do universo e a segundo que a religião encontra-se pautada na natureza humana, independentes de aspectos racionais, fundamentada em fatores psicológicos, tais como o medo e a esperança. A segunda tese é que nos interessa neste trabalho, são as impressões originárias das crenças religiosas seguido de um progresso natural do pensamento. Discorremos anteriormente sobre essas teses, aqui exemplificaremos como Hume conceitua religião. Hume a considera superstição, uma vez que detecta um infantilismo subserviente ao observar o contexto de sua época.

A obra *Diálogos sobre a religião natural*, de Hume, é tecida por um diálogo entre Filo, Demea e Cleantes, que discorrem sobre o papel da Educação, a aproximação da filosofia como um meio de distanciamento da religião e suas superstições, porém seguem discorrendo através pertinentes argumentações acerca da possibilidade ou não da existência de Deus, vejamos:

Filo: [...] Ao vermos uma casa, Cleantes, concluímos com a máxima certeza que ela teve um arquiteto ou um construtor, porque ela é exatamente a espécie de efeito que, por experiência, sabemos que procede daquela espécie de causa. Mas certamente você não afirmará que o universo guarda tanta semelhança com uma casa a ponto de podermos inferir, com a mesma certeza, uma causa similar; ou que a analogia seja, aqui integral e perfeita. A desigualdade é tão marcante que o máximo que você pode pretender, nesse caso, é conjecturar, supor ou presumir a existência de uma causa similar; e como essa pretensão será recebida pelas demais pessoas é algo que deixo à sua consideração. (HUME, 1992, p. 32-33) (grifo meu).

Ainda que de maneira possivelmente imperfeita, mas talvez não tão imperfeita assim, veremos que através da experiência e observação na organização das coisas existentes no mundo, podemos começar a realizar analogias a respeito de um arquiteto e construtor do universo. Argumentações que vão se construindo através de apreciações e

depreciações consideráveis, mas seria a ponto de extinguir a discussão, chegando a uma conclusão assertiva diante das questões da possível existência ou não? Em resposta a Filo, Cleantes responde:

Sem dúvida ela seria muito mal recebida se alegasse que as provas de uma divindade não passam de suposições e conjecturas. Mas será de fato tão pequena a semelhança entre o ajuste integral dos meios aos fins em uma casa e no universo? Entre a organização funcional de suas causas finais? Entre a ordem, proporção e arranjo de cada uma de suas partes? (HUME, 1992, p. 33)

Tais reflexões são pertinentes acerca do fundamento que acaba por sustentar a religião, porém, não podemos deixar de considerar que tal conteúdo contém concatenações complexas comparado as ideias iniciais que fizeram nascer a crença religiosa, e é nessa questão que focaremos.

Podemos perguntar, mas seria a superstição vulgar tão saudável à sociedade a ponto de analisá-la? Considerando as consequências funestas, como bem nos apresenta Hume?

Se a superstição vulgar é de fato tão saudável para a sociedade, como explicar que a história nos forneça tantos exemplos de suas consequências nefastas para assuntos públicos? Tumultos, guerras civis, perseguições, derrubadas de governo, tirania e escravidão, tais são as funestas consequências que têm lugar sempre que a mente humana a ela se submete. (HUME, 1992, p. 175).

E continua, “É verdade que tanto o medo como a esperança têm lugar na religião, pois essas duas paixões, em ocasiões diversas, excitam o espírito humano; e cada uma delas constrói o tipo de divindade que lhe é mais conveniente.” (HUME, 1992, p.183). Tal reflexão destitui qualquer forma de superioridade pautada nas crenças religiosas.

Nesta abordagem que segue, verificaremos a percepção de religião para Hume a partir da natureza humana. Ele apresenta um fundamento da crença religiosa pautado em fatores psicológicos, tais como instintos como o medo e a esperança, desta forma, para Hume a religião não se encontra num plano sobrenatural. Pois as primeiras religiões nasceram de uma preocupação referente aos acontecimentos da vida e dos instintos naturais que influenciam o espírito humano, tais como o medo e a esperança. Hume (2005).

Assim vemos que a veracidade da experiência religiosa não é monopólio de uma religião, e diverge inicialmente de uma contemplação racional, mas pauta-se em instintos naturais,

Parece certo que, de acordo com o progresso natural do pensamento humano, a multidão ignorante deve, num primeiro momento, nutrir uma noção vulgar e familiar de poderes superiores antes de ampliar sua concepção aquele ser perfeito, que conferiu a ordem a todo o plano da natureza. (HUME, 2005, p.24).

Aqui Hume nos conceitua que as pessoas nutrem uma noção vulgar e familiar dos poderes superiores, vejamos através de exemplos

De fato, descobrimos que todos os idólatras, após ter dividido domínios de suas divindades, recorrem àquele agente invisível, que os mantém sob sua autoridade imediata e cuja alçada é supervisionar aquele curso de ações, no qual qualquer hora eles se empenham. JUNO é invocado nos casamentos; LUCINA nos partos. NETURNO recebe as preces dos marinheiros; MARTE, a dos guerreiros. Os agricultores cultivam seus campos sob a proteção de CERES; e os negociantes reconhecem a autoridade de MERCURIO. Imagina-se que todo o conhecimento natural é governado por algum ser inteligente; e nada próspero ou adverso pode acontecer no decorrer da vida que não possa ser assunto de preces particulares ou de ação de graças. (HUME, 2005, p. 32).

Observaremos que tais divindades não subsistem por si mesmas, ou que estão fora de nossa mente, pois elas são nutridas através da subjetividade adquiridas com as necessidades do meio social no qual o ser humano encontra-se inserido. Considerando esse aspecto,

Nosso principal interesse no momento é considerar o politeísmo grosseiro do vulgo e delinear todos os seus diversos aspectos, a partir dos princípios da natureza humana dos quais são derivados. [...] o politeísta diviniza cada parte do universo e imagina que todas as produções manifestas da natureza são elas as produções manifestas da natureza são elas mesmas outras tantas divindades reais. (HUME, 2005, p. 53).

Sendo assim, de acordo com Silva,

Hume aponta para um pano de fundo psicológico, segundo o qual a mente procura encontrar a razão das coisas a partir de uma estrutura que retoma a imaginação dos homens para mostrar que há um processo de associação cognitivo. Inicialmente a natureza humana é provocada a produzir o processo cognitivo quando encontra uma impressão sensível. A natureza humana não deixa o homem permanecer insensível à impressão sensível. (SILVA, 2015, p.93).

Veremos que o homem não fica inerte à impressão sensível e logo busca encontrar a razão das coisas, principalmente num cenário constantemente desordenado como a existência humana,

Agitados por esperanças e medos dessa natureza, e sobretudo pelos últimos homens examinam com uma trêmula curiosidade o curso das causas futuras, e

analisam os diversos e contraditórios acontecimentos da vida humana. E nesse cenário desordenado, com os olhos ainda mais desordenados e maravilhados, eles veem os primeiros sinais obscuros da divindade. (HUME, 2005, p.32-33).

Apesar das crenças serem racionalmente injustificáveis, são psicologicamente inevitáveis. “Estamos colocados neste mundo como em um grande teatro, onde as verdadeiras origens e causas de acontecimentos nos estão inteiramente ocultas.” Hume (2005, p.35) Acrescenta-se que o homem busca razões para *causas desconhecidas* que excitam constantemente o espírito humano.

Essas *causas desconhecidas* tornam-se, pois o objeto constante de nossa esperança e medo; e, enquanto nossas paixões são continuamente excitadas pela ansiosa expectativa dos acontecimentos, empregamos também a imaginação, a fim de formar uma ideia sobre esses poderes, dos quais dependemos totalmente. (HUME, 2005, p.35).

Logo, percebemos que com essa busca de encontrar uma razão para as coisas, existe implicitamente uma busca de sentido que contribuam para uma explicação entre a relação das coisas,

As *causas desconhecidas* que ocupam sem cessar seu pensamento, ao se apresentarem sempre sob o mesmo aspecto, são todas consideradas do mesmo tipo ou espécie. E pouco falta para que atribuamos à divindade pensamentos, raciocínio, paixões e, às vezes, até membros e formas humanas, a fim de aproximá-la mais da nossa própria imagem. (HUME, 2005, p.37).

Vejamos a necessidade de “submeter” ao desconhecido aproximando-o de nossa realidade, constituindo assim um sentido para a sobrevivência. Desenvolve-se então, o politeísmo. Posteriormente o homem, “aperfeiçoa” a compreensão a respeito da divindade e assim compondo o monoteísmo,

Parece certo que, de acordo com o progresso natural do pensamento humano, a multidão ignorante deve, num primeiro momento, nutrir uma noção vulgar e familiar dos poderes superiores antes de ampliar sua concepção para aquele ser perfeito, que conferiu ordem a todo o plano da natureza. Seria tão razoável imaginar que os homens habitaram palácios antes de choças e cabanas, ou que estudaram geometria antes de agricultura, como afirmar que conceberam a divindade sob forma de puro espírito, onisciente, onipotente, onipresente, antes de concebê-la como um ser poderoso, ainda que limitado dotado de paixões e apetites humanos, de membros e órgãos. (HUME, 2005, p. 24-25).

O homem em tempos remotos não teria a capacidade intelectual de conceber o Deus do monoteísmo, pela sua complexidade racional, logo, podemos nos perguntar quais

as características dos deuses primitivos? Podemos dizer que possuem características de elementos familiares de cada realidade, ou seja, de fenômenos da natureza e percepção da mente inerentes ao cotidiano da vida das pessoas. Para Hume a crença religiosa desenvolve-se a partir da natureza humana, baseada no progresso natural do pensamento, destituindo uma argumentação a priori sobre tais causas.

1.2 A relação entre religião e *psiqué*

Sabemos que a religião constitui, sem qualquer dúvida, uma das experiências mais antigas e universais da humanidade. Será que poderíamos atribuir “um princípio” ou mesmo uma “função religiosa”, a partir da natureza do homem? Vejamos como Jung compreende a “predisposição religiosa” da natureza humana, através da natureza psíquica que existe em cada indivíduo, através do inconsciente coletivo,

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. [...] Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos. (JUNG, 2002 p.15-16).

De forma ainda não tão clara (prática), podemos verificar o substrato psíquico comum da natureza psíquica, como algo instintivo,

“é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer ninho ou das formigas para se organizarem em colônias. É preciso que eu esclareça, aqui, a relação entre instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes sua presença apenas através de imagens simbólicas. São estas representações que chamo de arquétipo”. (JUNG, 2002 p. 69).

Ainda a respeito dos arquétipos serem pertencentes à atividade instintiva e seu revestimento a qualidades dinâmicas que podemos denominar de ‘numinosidade’, posteriormente veremos sua relação com a “função religiosa” para Jung,

Na verdade, os arquétipos pertencem ao âmbito da atividade instintiva e *neste* são padrões hereditários do comportamento psíquico. Como tais revestem-se de certas qualidades dinâmicas que psicologicamente falando, podemos chamar de ‘autonomia’ e ‘numinosidade’. (JUNG, 2000, p.124).

Agora vejamos a ligação desta disposição associada ao que Jung compreende por religião.

Antes de falar da religião, devo explicar o que entendo por este termo. Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. (JUNG, 2002, p.7).

Logo, percebemos que a “função religiosa” na natureza humana é inata, e continua: “Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo "religião", não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso [...]” (JUNG, 2002, p.10).

Já verificamos que a “função religiosa”, constatada a partir do inconsciente coletivo que se manifesta instintivamente através de representações – fantasias, imagens simbólicas - que Jung chama de arquétipos. Vejamos agora a linguagem simbólica pela qual se exprime as estruturas individuais e coletivas do inconsciente, pois não podemos falar do homem sem falar de um meio de expressão, pois “O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos” (JUNG, 1964, p.20).

E explica o que ele se refere a símbolo:

“O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora construa conotações especiais do seu significado evidente e convencional. (...) Assim, uma palavra ou imagem é simbólica quando explica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado” (JUNG, 1964, p.20).

Para Hume, toda ideia tem uma impressão correspondente, logo: Qual é a impressão da(s) divindade(s)? Segundo Silva (2015), diz que quando Hume apresenta que toda ideia tem uma impressão correspondente, ele quer enfatizar que a razão desempenha

um papel secundário na formulação de ideias e crenças. Assim a mente procura encontrar razão para as coisas, através da imaginação mostra que há um processo de associação cognitivo.

Nesta abordagem de Jung, vejamos certa relação da realidade fisiológica com as ideias de divindades a partir da descrição das divindades, natureza simbólica, “Os agricultores cultivam seus campos sob a proteção de CERES; e os negociantes reconhecem a autoridade de MERCURIO. (HUME, 2004, p.31) Para Jung tais ideias das divindades são representações do “arquetipo da religião”. Para Hume são ideias que se sustentam pelo fato dos homens desconhecerem o curso natural da natureza e que tais causas consistem apenas em constituições menores de seu próprio corpo. Imagina-se que todo acontecimento natural é governado por algum ser inteligente;” O filósofo escocês atribui a criação de tais divindades *causas desconhecidas*,

Estamos colocados nesse mundo como em um grande teatro onde as verdadeiras origens e causas de cada acontecimento nos estão inteiramente ocultas. Não temos sabedoria suficiente para prever os males que continuamente nos ameaçam, nem poder para evitá-los. Vivemos suspensos num perpetuo equilíbrio entre a vida e a morte, a saúde e a doença, a saciedade e o desejo, coisas que são distribuídas entre a espécie humana por causas secretas e desconhecidas, e que atuam frequentemente de forma inesperada e, sempre inexplicável. Essas *causas desconhecidas* tornam-se, pois, o objeto constante de nossa esperança e medo; e, enquanto nossas paixões são continuamente excitadas pela ansiosa expectativa dos acontecimentos, empregamos também a imaginação, a fim de formar uma ideia sobre esses poderes, dos quais dependemos totalmente. (HUME, 2005, p. 35).

Continuando após essa descrição, veremos que para Hume a solução para evitar certos devaneios, ou mesmo criação de divindades, seria

Se os homens pudessem dissecar a natureza de acordo com a filosofia mais provável ou, pelo menos, com a mais inteligível, descobririam que tais causas consistem apenas na peculiar constituição e estrutura das partes diminutas de seus próprios corpos e dos objetos exteriores, e que, por um mecanismo regular e constante, produz todos os acontecimentos que tanto o inquietam. (HUME, 2005, p.36).

E continua, uma espécie de lamento:

Mas essa filosofia ultrapassa a compreensão da multidão ignorante, que pode apenas conceber essas *causas desconhecidas* de uma maneira geral e confusa, embora sua imaginação, que gira perpetuamente sobre o mesmo assunto, deva esforçar-se para formar uma ideia particular dessas causas. (HUME, 2005, p.36).

Vimos que apesar de Hume considerar a imaginação como parte da natureza humana, ainda assim tem um posicionamento de que tem que ser investigado, para que assim possa evitar superstições, faz parte da natureza humana mas o homem tem que ter cuidado. Pois as ideias de tais divindades são irracionalmente injustificáveis uma vez que transpõe o homem para outra dimensão, porém também podemos observar em Jung,

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um destes fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim. Foi precisamente este conflito interior do homem que levou os primeiros cristãos a esperarem e desejarem um final rápido para o mundo e os budistas rejeitarem todos os anseios e aspirações terrenos. Estas contestações fundamentais equivaleriam a um verdadeiro suicídio se não estivessem associadas a determinadas idéias e práticas morais e intelectuais que constituem a própria substância de ambas as religiões e, de um certo modo, modificam a sua atitude de negação radical do mundo. (JUNG, 1964, p. 85-87).

Aqui podemos observar o aspecto negativo dos símbolos- palavras ou imagens simbólicas- uma vez que apresenta aversão ao mundo, apresenta aqui seu lado destrutivo. Porém temos que realizar escolhas diante ao sentido da existência, senão logo poderíamos ver um suicídio coletivo.

Observamos que determinados elementos corroboram na subserviência do homem diante daquilo que ele não conhece. Diante disso que tal enfatizarmos os nossos símbolos salutareis em nossas crises que dão um certo sentido a nossas vidas?

Há, no entanto, um forte argumento empírico a nos estimular ao cultivo de pensamentos que se não podem provar. É que são pensamentos e idéias reconhecidamente úteis. O homem realmente necessita de idéias gerais e convicções que lhe dêem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo. Pode suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido. Mas sente-se aniquilado se além dos seus infortúnios ainda tiver de admitir que está envolvido numa “história contada por um idiota”. (JUNG, 1964, p.89).

Apesar de Hume desconsiderar o papel da religião para a sociedade, ele enfatiza que as crenças fazem parte da natureza humana e que um homem deve analisá-las.

Ele reconhece que o único e exclusivo uso da razão pode ser destrutivo porque ao fim e ao cabo pode nos levar a duvidar de tudo. Por trás disso está a tese de que não é somente pela razão que adquirimos certezas sobre o mundo. (LARRUSCAHIM, 2008, p.16).

A *imaginação* pode adquirir força e vividez na medida em que chega à memória através dos efeitos da crença. Pois, na medida em que se concebe a realidade de uma maneira simulam-se os efeitos sobre a crença. Segundo Hume:

Por uma indução que me parece bastante evidente, concludo que uma opinião ou crença não é senão uma ideia que difere de uma ficção, não na natureza ou na ordem de suas partes, mas sim na *maneira* que é concebida. Mas quando pretendo explicar o que é essa *maneira*, não consigo encontrar nenhuma palavra plenamente satisfatória, sendo por isso obrigado a apelar para aquilo que cada um sente, a fim de lhe dar uma noção perfeita dessa operação da mente. [...] A crença dá a essas ideias mais força e influência; faz que pareçam mais importantes, fixa-as na mente; e as tornam princípios reguladores de nossas ações. (HUME, 2009, p.126-127).

Podemos dizer que a crença diz respeito às ideias, não na maneira que concebemos, mas na maneira que são sentidas, pois cada indivíduo tem influências mentais diferentes, considerando o tempo e espaço que cada um vive. Pois:

E, na filosofia, não podemos ir além da afirmação de que a crença é algo *sentido* pela mente, que permite distinguir as ideias do juízo das ficções da imaginação. A crença dá a essas ideias mais força e influência; faz que pareçam mais importantes, fixa-as na mente; e as torna os princípios reguladores de todas as nossas ações. (HUME, 2009, p.127).

Comumente quando se refere à crença, remetemos a superstições religiosas. Porém, aqui observamos que uma coisa é crer em algo “sobrenatural” uma leitura realizada por uma de nossas faculdades, a *imaginação*; outra coisa implica em considerar que a *crença* tece a natureza humana (Divindades que são expressões simbólicas dos arquétipos, como fora apresentado em Jung). Hume busca argumentos para libertar o homem de regras e condutas de comportamento que venham a cercear seu pensamento, ele não vê necessidade da religião uma vez que existem as crenças de aspectos positivos e negativos que devem ser constantemente investigados. Situações que contribuam para anulação das suas faculdades intelectivas, situações onde o homem passa a aderir, sem refletir, em hábitos e costumes que acabam por regular sua vida. Hume considera a religião uma superstição,

A mente humana está sujeita a certos temores e apreensões inumeráveis, procedentes ou de uma situação infeliz em assuntos públicos e privados, ou de problemas de saúde, ou de uma disposição sombria e melancólica, ou do concurso de todas essas circunstâncias. Em tal estado de espírito a mente é tomada por uma infinidade de males e temores desconhecidos, derivados de agentes desconhecidos. Quando os objetos reais de temor são escassos, a alma, ativa em prejuízo próprio e alimentando a sua inclinação predominante, cria objetos imaginários, para cujo poder e malevolência não encontra limites. Como estes inimigos são inteiramente invisíveis e desconhecidos, os métodos empregados para apaziguá-los são

igualmente incompreensíveis e consistem em cerimônias, observâncias, mortificações, sacrifícios, presentes, ou em qualquer prática, ainda que absurda ou frívola, em que o desatino ou a malícia recomenda uma credulidade cega e amedrontada. A fraqueza, o medo, a melancolia, juntamente com a ignorância, são, pois, as verdadeiras fontes da superstição.(...) A confiança e a presunção aumentam estes arrebatamentos incompreensíveis, que parecem estar além do alcance de nossas faculdades ordinárias e são atribuídos à inspiração imediata do Ser Divino, objeto de devoção. Em pouco tempo, a pessoa inspirada chega a considerar-se um favorito ilustre da Divindade e, quando tomada por este frenesi, o ápice do entusiasmo, todo capricho é consagrado: a razão humana, e mesmo a moralidade, são rejeitadas como guias falaciosos. A loucura fanática se entrega, cegamente e sem reserva, ao suposto arrebatamento do espírito e à inspiração derivada do mundo superior. A esperança, o orgulho, a presunção, uma calorosa imaginação, juntamente com a ignorância, são, portanto, as verdadeiras fontes do entusiasmo. (HUME, 2009).

Quando passamos a questionar/refletir certos hábitos e costumes que engessam a capacidade intelectual do homem, fala-se da ferramenta *sine qua non* para um estudo preciso da filosofia que retira do homem preconceitos enraizados em crenças supersticiosas. Preconceitos que são comumente introduzidos pela crença, de uma maneira mais específica à *crença religiosa*.

2 OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DE HUME PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A metodologia empirista apresentada por David Hume serve-nos de investigação científica uma vez que apresenta o conhecimento processado através da experiência, este se dá pelos sentidos e a *maneira* subjetiva como é concebida por cada indivíduo, em outras palavras, através da relação do homem com aquilo que se mostra a partir da realidade que se encontra inserido.

O termo “experiência” é sinônimo de percepção. É uma maneira de perceber, uma maneira de crer e acreditar no que se está percebendo, seja uma ideia, seja uma impressão. As atividades da mente se resumem a percepções, às maneiras de sentir e perceber. A experiência é um fenômeno das percepções da natureza humana, e não pode ser tomada como uma realidade independente, ou como dados autônomos, mas antes como dados percebidos pelo homem. (SILVA, 2015, p.86).

Diante de uma produção intelectual, fria e distante da natureza humana, enfatizamos a significância de considerar os instintos e as crenças naturais que moldam a realidade percebida pelo indivíduo e a sociedade que se encontra inserido, o ceticismo de Hume questiona o conhecimento pautado na ideia desvinculada do material, ele fora incompreendido por apresentar a ciência o processo natural na construção do conhecimento, vejamos:

[...] Hume é essencialmente um naturalista: um filósofo cujo objetivo não é destruir o conhecimento, mas ressaltar o papel dos instintos e das crenças naturais. Segundo esta interpretação, Hume procura mostrar como a natureza humana nos dotou de recursos, na maior parte não intelectuais, que nos levam inevitavelmente a pressupor ou a ter determinadas crenças que a razão é incapaz de justificar por meio de argumentos. Dada a importância atribuída por Hume aos instintos e às crenças naturais, sua filosofia seria caracterizada de forma mais adequada como uma filosofia naturalista: uma concepção segundo a qual os homens são seres dotados de imaginação e instintos, imersos na natureza, a qual nos faz ter certas crenças. A interpretação “naturalista” procura mostrar, assim, que o ceticismo de Hume não é total, mas está ligado a uma intenção positiva de ciência que pode ser vista como a contraparte de seu ceticismo. (CONTE, 2010).

Ao ressaltar o papel dos instintos, Hume está revolucionando a ciência, uma vez que majoritariamente pauta-se em argumentos racionais. Desta forma, ressaltamos a diferença entre as impressões e as ideias, respectivamente, o caráter originário e a natureza reflexiva. “A *percepção* é tudo que pode estar presente à mente, seja quando usamos os

sentidos, seja quando somos movidos pela paixão, fantasia, imaginação, ou quando exercitamos nosso pensamento e reflexão”. (HUME, 2009, p.685). Logo, podemos observar que a mente não tem apenas a capacidade de perceber e descrever, mas de criar, de fantasiar, esta também é sua atribuição.

Porém, devemos enfatizar que essa *percepção* dá-se em contato do homem com uma realidade sensível, esta é verificável através da experiência, logo o homem é o sujeito. Quando falamos de *impressões* e *ideias*, respectivamente falamos da diferença entre ambas que é o sentir e o pensar. Assim podemos dizer que as *impressões* são as primeiras sensações e as *ideias* dizem respeito a leituras que se faz das impressões.

As impressões são divididas em duas espécies: de *sensação* e de *reflexão*. As da primeira espécie nascem originalmente na alma, das causas desconhecidas. As da segunda derivam em grande medida de nossas ideias, conforme a ordem seguinte. Primeiro, uma impressão atinge os sentidos, fazendo-nos perceber o calor ou o frio, a sede ou a fome, o prazer ou a dor, de um tipo ou de outro. Em seguida, a mente faz uma cópia dessa impressão, que permanece mesmo depois que a impressão desaparece, e à qual denominamos *ideia*. Essa ideia de prazer ou dor, ao retornar à alma, produz novas impressões, de desejo ou aversão, esperança ou medo, que podemos chamar propriamente de impressões de reflexão porque são derivadas dela. (HUME, 2009, p.32).

Assim, podemos considerar as duas faces indissociáveis do ser humano, um ser que sente e pensa, logo está para além de uma realidade nua e crua, pautada num racionalismo frio. A partir da reflexão das crenças naturais pautada na natureza humana, Hume realiza uma crítica, ainda que disfarçada, ao Cristianismo da época pelo seu posicionamento frente à religião absoluta/oficial, logo não podendo ser questionada, com repressões para quem tecesse eventuais questionamentos que a contrariassem,

Hume procurou lançar mão de recursos literários que pudessem despistar, até certo ponto, suas verdadeiras crenças a respeito da inutilidade e periculosidade da religião para a ciência e do homem para a filosofia moral. É compreensível que seja assim porque, numa época de censura e controle religioso, críticos da religião como Hume eram alvo fácil da perseguição religiosa passíveis de penalização. (OLIVEIRA, 2013, p. 169).

A crítica de Hume diz respeito a não acatar uma ideia reguladora e interveniente que distancia o homem de sua natureza, portanto uma religião falsa, por se encontrar dissociada do mundo, da história, das experiências,

Hume sabia que a crença no Deus do Teísmo é, acima de tudo, uma ideia reguladora e interveniente que se acaba tornando determinante na conduta. Isso se dá porque a certeza que Deus existe – pressuposto fundamental da religião –

não é uma crença isolada. A sua aceitação leva o religioso a um universo de implicações emocionais, comportamentais, ritualísticas, credais, etc. Ora, nesse espírito, a religião é vista desde o início como algo que muda o entendimento daquilo que é natural e leva a valorizar virtudes específicas que, por nossos sentimentos naturais, são ou inúteis ou, como no caso das virtudes monásticas, desagradáveis. A religião (o cristianismo em particular) torna-se inimiga daquilo que é louvável a espírito ilustrado encorajando, pelo contrário, a depreciação do indivíduo, ao introduzir a ideia de pecaminosidade e de perdição. (OLIVEIRA, 2013, p.161).

Ao falarmos de religião e a posição cética de Hume, diz respeito a uma ideia de religião que desconecta o ser humano da história, transportando-o para o além, para uma existência após a morte, a uma subserviência ridícula.

A História, assim como a experiência cotidiana, fornece exemplos de homens que, que apesar de dotados das mais altas qualidades para o comércio e para os negócios, submeteram suas vidas à escravidão da mais grosseira superstição.” (HUME, 2006, p.31).

Sabemos que a religião tem resquícios históricos alienantes, causas de guerras, uma vez que buscam a supremacia do poder, mas nosso objetivo no presente trabalho visa apresentar os aspectos comuns entre religião pautada na natureza humana, e realizar uma breve crítica ao idealismo religioso que dissocia a religião/crença ou o conhecimento da história. Assim o princípio de sua epistemologia baseia-se que o conhecimento pauta-se nas *percepções*, estas são tecidas de tudo que pode estar presente a mente. O filósofo escocês distancia-se do raciocínio metafísico, no sentido de argumentos obscuros para a compreensão humana,

Em meio a todo esse alvoroço, não é a razão que conquista os louros, mas a eloquência; e ninguém precisa ter receio de não encontrar seguidores para suas hipóteses, por mais extravagantes que elas sejam, se for hábil o bastante para pintá-las em cores atraentes. **A vitória não é alcançada pelos combatentes que manejam o Chuço e a espada, mas pelos corneteiros, tamborileiros e demais músicos do exército. E daí que surge, em minha opinião, o preconceito comum contra todo tipo de raciocínio metafísico, mesmo por parte daqueles que se dizem doutos e que costumam avaliar de maneira justa todos os outros gêneros da literatura. Entendem eles por raciocínio metafísico, não os raciocínios de um ramo particular da ciência, mas qualquer espécie de argumento que seja de alguma forma abstruso e requeira alguma atenção para ser compreendido.** É tão frequente ver nossos esforços desperdiçados em tais investigações, que costumamos rejeitá-las sem hesitação, decidindo que, se não podemos deixar de ser vítimas de erros e ilusões, então estes deverão ao menos ser naturais e agradáveis. E realmente nada, a não ser o mais determinado ceticismo, juntamente com um elevado grau de indolência, pode justificar tal aversão a metafísica. (HUME, 2009, p.20) (grifo meu).

Nesta fala de Hume, podemos observar que a razão pode ser uma maneira de aprisionar o conhecimento, porém o homem ultrapassa esses limites através de sentimentos que os impulsionam ir além. Através das palavras de um teólogo, Leonardo Boff, podemos dizer que corroboramos com o filósofo escocês, pois

Por mais aprisionado que esteja, nos fundos da Terra ou na ilha mais deserta, mesmo aí o ser humano transcende esta situação. Porque, com seu pensamento, ele habita as estrelas e, como seu desejo, suspira por outros espaços abertos. Por isso, nós temos uma existência condenada à transcendência, à liberdade e à superação de limites impostos. (BOFF, 2009, p.11).

Sabemos que ao falarmos de transcendência, podemos cair no erro de realizar uma bruta separação entre a transcendência e imanência, vejamos:

E, quando falamos de **transcendência**, queremos apontar para este tipo de experiência. Para compreendê-la corretamente precisamos fazer uma terapia dos conceitos. Isso se deve ao fato de que todas as religiões nos viciaram, pois sempre se referiram à **transcendência**, mas a uma visão distorcida dela. **Transcendência**, para a maioria das religiões, era o céu, o outro lado, o lá em cima, o lugar próprio de Deus e de seus anjo. A **imanência** era contraposta à **transcendência**. Era o aqui embaixo, a Terra, o mundo sublunar, natural e humano. **Passam-nos a ideia que ambos se contrapõem.** (BOFF, 2009, p.12) (grifo meu).

Não podemos encarar esse paradoxo da condição humana de tal maneira, com esta divisão racional e pela experiência alienante não podemos descartar essas realidades, mas considera-las, pois Hume

[...] reconhece que o único e exclusivo uso da razão pode ser destrutivo porque ao fim e ao cabo pode nos levar a duvidar de tudo. Por trás disso está a tese de que não é somente pela razão que adquirimos certezas sobre o mundo. (LARRUSCAHIM, 2008, p.16).

Assim, devemos enfatizar o necessário diálogo entre fé e razão, pois caso enfatizemos, uma ou outra realidade corremos o risco de excluir as indispensáveis partes que tecem a unidade e não é isso que objetivamos diante dos terrores inexplicáveis.

Surgem, realmente, em alguns espíritos, certos terrores inexplicáveis a respeito da vida futura; mas estes se desvaneceriam rapidamente se não fossem artificialmente alimentados pelos preceitos e pela educação. **E qual é o objetivo daqueles que os alimentam?** Somente obter um meio de vida e adquirir poder e riqueza neste mundo. (HUME, 2006, p.19) (grifo meu).

É nítido que a ausência do diálogo entre fé e razão, alimenta uma crença que dissocia a transcendência e a imanência favorece a imobilidade de uns, objetivando utiliza-

los como massa de manobra para a riqueza de outros neste mundo. Portanto, não podemos negar os paradoxos que constitui a **existência** humana.

A palavra quer dizer: vivemos para ‘fora’(ex), somos seres de abertura em todas as direções. Somos um nó de relação conosco mesmo, com os outros, com a sociedade, com a natureza, com o universo e com Deus. Constituir-se como um ser de abertura e de relação é dizer que somos seres que trocam e interagem continuamente com tudo o que se apresenta a eles. (BOFF, 2009, p.14).

A existência põe-nos num dinamismo que ‘hora’ a realidade é nua e crua, sem aparente esperança, essa realidade concreta é a imanência, mas não podemos considera-la fechada em si mesma, caso isso aconteça pode levar inúmeros indivíduos ao suicídio caso estes não transcendam a sua realidade, em outras palavras, que os coloquem em movimento em busca do infinito, “Viver a imanência é acolher a realidade em sua crueza e resistência; viver a transcendência é ultrapassar sempre esta realidade concreta rumo ao infinito. E nesta dialética se realiza a condição humana.” Pegoraro (2009)., vejamos:

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um destes fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim. Foi precisamente este conflito interior do homem que levou os primeiros cristãos a esperarem e desejarem um final rápido para o mundo e os budistas rejeitarem todos os anseios e aspirações terrenos. Estas contestações fundamentais equivaleriam a um verdadeiro suicídio se não estivessem associadas a determinadas idéias e práticas morais e intelectuais que constituem a própria substância de ambas as religiões e, de um certo modo, modificam a sua atitude de negação radical do mundo. (JUNG, 1964, p. 85-87).

O filósofo escocês com seu posicionamento cético frente à religião idealizada, distante da realidade material, perceberia positivamente a religião na sua época se tal considerasse os paradoxos da existência na construção de uma realidade sensível e humana, logo histórica.

Essa abertura e essa capacidade ilimitada de relação expressam a realidade da transcendência. Vamos para além de nós mesmos, trans-cendemos. Nossa existência é histórica. Com a palavra ‘histórica’ queremos enfatizar o fato de que nos realizamos dentro do tempo, num processo permanente e bem concreto, num corpo, numa mente, num espírito com tais e tais capacidades, numa língua, numa família, numa sociedade, numa cultura, num universo, numa determinada profissão. Portanto, a abertura ilimitada se autolimita, o nó de relações em todas as direções se materializa numa relação concreta. (BOFF, 2009, p. 14-15).

Aqui percebemos a complementariedade da imanência e transcendência. Logo, faz-se necessário “equilibrarmos”, uma vez que enfatizar apenas o sentimento podemos cair num subjetivismo que paralisa e desconecta com a realidade histórica e se enfatizarmos apenas o pensamento, podemos cair numa racionalidade desconectada da natureza humana. Como diz Marcelo Barros (2016) Materialidade sem espírito é cadáver e espírito sem matéria é fantasma.

Mas, como é impossível que essa faculdade possa jamais, por si só, alcançar a crença, é evidente que esta não consiste na natureza ou na ordem de nossas ideias, mas na maneira como a concebemos e como são sentidas pela mente. Confesso que é impossível explicar perfeitamente essa sensação [*feeling*] ou maneira de se conceber. Podemos empregar palavras que expressem algo próximo a isso. Mas seu nome verdadeiro e apropriado é *crença*, termo que todos compreendem suficientemente na vida comum. E, na filosofia, não podemos ir além da afirmação de que a crença é algo *sentido* pela mente, que permite distinguir as ideias do juízo das ficções da imaginação. A crença dá a essas ideias mais força e influência; faz que pareçam mais importantes, fixa-as na mente; e as torna princípios reguladores de todas as nossas ações. (HUME, 2009, p.127).

Essa definição também irá se mostrar inteiramente conforme à sensação [*feeling*] e à experiência de cada um de nós. (HUME, 2009, p.127). Opondo-se a uma interpretação que as ideias de divindades, deus, deuses subsistem por si, podemos observar que tais divindades são formas de expressão relacionado a natureza humana, a natureza psíquica, vejamos

As divindades são formas de expressão, recursos da linguagem para dar concreção às energias atuantes em nós, especialmente nos estratos profundos da realidade humana. Por isso as divindades são realidades da psique e constituem um dado antropológico universal. Elas encarnam e traduzem energias poderosas que estão dentro de nós mas também para além de nós, alcançando o universo. Em nós configuram centros psíquicos de grande irradiação, responsáveis pelo sentido de nossa existência. Na linguagem de C. G. Jung as divindades equivalem a arquétipos profundos, vale dizer, a padrões dinâmicos de comportamento que lançam suas raízes no inconsciente coletivo e transcultural da humanidade e que ajudam a estruturar nossas experiências mais significativas. (BOFF, 2005, p.89).

Por mais obscuro que seja admitir a ideia ou crença em Deus, vimos que ele nasce através dos sentidos,

Nesse sentido, podemos dizer que há uma psicologia contida na filosofia de Hume que se sobrepõe a qualquer racionalidade lógica, uma psicologia que será, contemporaneamente, a matriz teórica das novas ciências empíricas cognitivas como a biologia evolutiva, a psicologia comportamental e a neurociência. O ponto alto da filosofia de Hume ao afirmar que toda ideia

deriva de uma impressão é mostrar que a razão é inerte e desempenha um papel secundário na formulação de ideias e crenças. (SILVA, 2015, p.92).

Veremos mais a frente que a ideia de Deus não necessariamente até associada a um ser externo, mas sim na *maneira* que sentimos e está relacionado a ideias de *ser, sentidos e verdade* como bem nos apresenta Eliade. Em seguida, veremos a significância de ideias/crenças que são úteis, como apresenta Jung,

Há, no entanto, um forte argumento empírico a nos estimular ao cultivo de pensamentos que se não podem provar. É que são pensamentos e ideias reconhecidamente úteis. O homem realmente necessita de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo (JUNG, 1964, p.89).

Existem representações criadas pela mente através da experiência concreta com o meio, o que distancia-se de pressupostos que tais sensações e representações sejam produzidas por outro espírito.

Apesar de algumas ideias serem racionalmente injustificáveis uma vez que observamos o processo da crença em religiões naturais, não podemos atribuir tais ideias advindas de uma outra natureza, ou de um espírito externo ainda que as religiões assim as denominem e corajosamente as definam como *Deus, Allah, Elohim, Olorun, Tupã*. Não importa o nome, mas como sentimos e refletimos sobre sua atuação na história. Vejamos com bem nos explica Leonardo Boff essa possibilidade de conhecimentos através da natureza humana, esta diverge da interpretação tradicional,

A interpretação tradicional é substancialista. Compreende as divindades como entidades subsistentes por si mesmas, existindo de fato fora de nossas mentes. Chamou-se a isso politeísmo, como se houvesse, de fato, uma pluralidade de deuses. **A interpretação moderna é antropológica e transpessoal. As divindades são formas de expressão, recursos da linguagem para dar concreção às energias atuantes em nós, especialmente nos estratos profundos da realidade humana.** (BOFF, 2005, p.89) (grifo meu).

Não podemos desconsiderar que são ideias, pois veremos que somos um dos objetos dos quais raciocinamos,

que não se contenta em nos instruir sobre a natureza dos poderes superiores, mas vai além, considerando ainda as disposições desses poderes em relação a nós, assim como nossos deveres para com eles. Em consequência disso, nós não somos simplesmente os seres que raciocinam, mas também um dos objetos acerca dos quais raciocinamos. (HUME, 2009, p.21).

Porém, não devemos negar que tal experiência é psicologicamente inevitável e que tem fortes traços históricos e culturais para a história da humanidade.

Além da satisfação de conhecer aquilo que nos concerne mais de perto, pode-se afirmar com segurança que quase todas as ciências estão incluídas na ciência da natureza humana, e dela dependem. *A única finalidade da lógica é explicar os princípios e operações da nossa faculdade de raciocínio e a natureza de nossas ideias.* (DANOWSKI, 2009, p.684).

Logo, enfatizaremos o processo do órgão que sente, a mente, e suas criações de sentido para a existência humana, que deve impulsionar para a relação do homem concreto na história a partir de valores tecidos através de uma experiência. Assim verificaremos o processo de construção das ideias e o surgimento das crenças e convicções do homem.

Ainda que existam históricos alienantes em busca da supremacia da religião, não podemos julgar o todo pela parte, pois a religião tem contribuições relevantes E NECESSÁRIAS na construção da sociedade, e quando esta tenta ligar e re-ligar os paradoxos da condição humana: imanência e transcendência. “Daí a importância das religiões, pois elas se propõem ligar e re-ligar os dois universos distintos e separados.” (BOFF, 2009, p.12).

Considerando o conhecimento pautado na experiência e considerando o objeto religião, em outras palavras as crenças religiosas e suas consequências psicológicas, sociais e históricas, devemos considerar o vislumbamento religioso como sistemas de sentidos passíveis a investigação, uma vez que diz respeito as ideias de ser, sentido e verdade do homem e suas relações consigo, com o outro e com o mundo.

2.1 Os fundamentos das Ciências das Religiões em Hume

Através da experiência humana, fundamentamos as demais ciências que tem seu objeto a religião, não no sentido restrito, mas amplo, como bem nos apresenta Eliade que a ideia de religião associa-se com ser, sentidos e verdades.

A história apresenta rastros de uma construção material deixado e sendo construído a cada dia pela religião, apresentando assim que é um dado indispensável de ser estudado, uma vez que ao falar de religião estamos falando de valores mais íntimos que norteiam a vida de cada ser humano.

Ainda que nos deparemos com objetos de estudos que “fundamentam-se” através de ideias complexas, tais como Deus, deuses ou fantasmas, porém não estamos aqui para discutir a realidade ou irrealidade de tais ideias, mas as consequências reais que elas estabelecem no mundo, na história. Pois ainda que a ideia seja complexa, o fenômeno religioso acontece na história, em contextos culturais e sócio-econômicos.

Um dado religioso “puro”, fora da história, é coisa que não existe, pois não existe um dado humano que não seja, ao mesmo tempo, um dado histórico. Toda a experiência religiosa é expressa e transmitida num contexto histórico particular. Mas admitir a historicidade das experiências religiosas não implica que elas sejam redutíveis a formas não-religiosas de comportamento. Afirmar que um dado religioso é sempre um dado histórico não significa que ele seja redutível a uma história não-religiosa – por exemplo, a uma história econômica, social ou política. Não devemos nunca perder de vista um dos princípios fundamentais da ciência moderna: a escala cria o fenômeno. (ELIADE, 1989, p.22) (grifo meu).

Podemos ver que essa relação com o mundo inicia-se pelo órgão que sente e percebe a realidade, a mente, o meio que se dá a aquisição da cognição, e posteriormente uma ação que resulta no mundo ao qual o homem se encontra inserido.

A descrição da estrutura cognitiva do animal humano constitui o eixo mais relevante da investigação humeana, não apenas porque coloca o homem no centro da discussão filosófica, mais precisamente a sua mente, mas porque procura explicar como a sua natureza apreende os acontecimentos do mundo, reunindo esses acontecimentos em uma ideia geral que representa a existência ora de pessoas, ora de objetos. Hume visa justamente descrever o processo cognitivo da natureza humana a partir de um pano de fundo empírico e não metafísico, tentando descrever como o ser humano emite julgamentos tendo como base os poderes e as faculdades de sua própria natureza. (SILVA, 2015, p. 82-83).

O princípio de toda epistemologia de Hume baseia-se que todo conhecimento humano é fundamentado em *percepções*. O filósofo em questão apresenta-nos que “A *percepção* é tudo que pode estar presente à mente, seja quando usamos os sentidos, seja quando somos movidos pela paixão, fantasia, imaginação, ou quando exercitamos nosso pensamento e reflexão”. (HUME, 2009, p.685). Ele a divide em duas espécies: *impressões* e *ideias*. A diferença entre ambas diz respeito ao grau de força e vividez com que atingem a mente e influencia o nosso pensamento ou consciência.

As percepções que entram com mais força e violência podem ser chamadas de *impressões*; sob este termo incluo todas as nossas sensações, paixões e emoções, em sua primeira aparição à alma. Denomino *ideias* as pálidas imagens dessas impressões no pensamento e no raciocínio. (HUME, 2009, p. 25).

Assim as percepções são diretamente ligadas aos sentidos. Tanto a impressão quanto a ideia são percepções advindas de determinados objetos que se encontram no mundo real, porém a primeira encontra-se associada às sensações e a segunda à reflexão.

As impressões são divididas em duas espécies: de *sensação* e de *reflexão*. **As da primeira espécie nascem originalmente na alma, das causas desconhecidas.** As da segunda derivam em grande medida de nossas ideias, conforme a ordem seguinte. Primeiro, uma impressão atinge os sentidos, fazendo-nos perceber o calor ou o frio, a sede ou a fome, o prazer ou a dor, de um tipo ou de outro. Em seguida, a mente faz uma cópia dessa impressão, que permanece mesmo depois que a impressão desaparece, e à qual denominamos *ideia*. Essa ideia de prazer ou dor, ao retornar à alma, produz novas impressões, de desejo ou aversão, esperança ou medo, que podemos chamar propriamente de impressões de reflexão porque são derivadas dela. (HUME, 2009, p.32) (grifo meu).

Logo, as ideias não são inatas, em outras palavras, não existem ideias independentes das impressões. Por isso a razão depende da experiência.

Para saber de que lado está essa dependência, examino a ordem de sua primeira aparição; e descubro, pela experiência constante, que as impressões simples sempre antecedem suas ideias correspondentes, nunca aparecendo na ordem inversa. Para dar a uma criança uma ideia do escarlate ou do laranja, do doce ou do amargo, apresento-lhe objetos, ou, em outras palavras, transmito-lhe essas impressões; mas nunca faria o absurdo de tentar produzir as impressões excitando ideias. (HUME, 2009, p.29).

Vimos na citação acima a ilustração da diferença entre sentir e pensar, ou seja, nós sentimos o que se apresenta a nossa mente e nós pensamos a cerca do que sentimos, respectivamente, o caráter originário e a natureza reflexiva, logo, conseqüentemente nosso pensamento e ação refletirá nas relações que estabelecemos com o mundo.

Portanto, quando falamos de *impressões*, falamos de situações naturais, que existem referências e verdades no mundo real. Hume não admite que a razão seja independente da experiência, uma vez que um posicionamento racionalista implica em falar na existência de uma realidade sobrenatural, logo distante da natureza humana.

Apesar das ideias complexas de Deus ou deuses, não podemos negar à suas influências na conduta do homem, acrescenta-se que é um fenômeno universal, e não podemos negar tal realidade.

Mais que qualquer outra disciplina humanística (isto é, a psicologia, a antropologia, a sociologia, etc.), a história das religiões pode abrir o caminho a uma antropologia filosófica. Pois o sagrado é uma dimensão universal e, como veremos adiante (pág. 87), os primórdios da cultura têm as suas raízes em experiências e crenças religiosas. (ELIADE, 1989, p.24).

Vejamos o que Eliade, filósofo romeno, nos fala sobre tais ideias, e como sua explanação pode nos ajudar a compreender posteriormente as concepções de crença positivas e negativas apresentadas por Hume,

É lamentável não termos à nossa disposição uma palavra mais precisa que “religião” para designar a experiência do sagrado. Este termo traz consigo uma história longa, se bem que culturalmente bastante limitada. Fica a pensar-se como é possível aplicá-lo indiscriminadamente ao Próximo Oriente antigo, ao Judaísmo, ao Cristianismo e ao Islamismo, ou ao Hinduísmo, Budismo e Confucionismo bem como aos chamados povos primitivos. Mas talvez seja demasiado tarde para procurar outra palavra e “religião” pode continuar a ser um termo útil desde que não nos esqueçamos de que ela não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as ideias de ser, sentido e verdade. (ELIADE, 1989, p. 9).

Com este autor, podemos observar que apesar de existir religiões que estabelecem a crença em *Deus, Allah, Elohim, Olorun, Tupã*, deuses ou fantasmas, a religião realiza uma abordagem mais ampla, pois está associada as ideias de *ser, sentidos e verdade*. Em outras palavras que tais realidades encontra-se na história, identidade cultural do povo, pois devemos considerar o tempo e o espaço que o significados de existências são construídos, cada qual terá características que diferenciam uma das outras. Desta forma, podemos falar que o sentido da existência dá-se através das manifestações da natureza psíquica. Vejamos como bem nos apresenta Carl Gustav Jung,

Há, no entanto, um forte argumento empírico a nos estimular ao cultivo de pensamentos que se não podem provar. É que são pensamentos e ideias reconhecidamente úteis. **O homem realmente necessita de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo.** (JUNG, 1964, p.89) (grifo meu).

Relacionando o pensamento do psicanalista com os estudos de Hume segundo Silva, podemos ver que

Hume aponta para um pano de fundo psicológico, segundo o qual a mente procura encontrar a razão das coisas a partir de uma estrutura que retoma a imaginação dos homens para mostrar que há um processo de associação cognitivo. (SILVA, 2015, p.93).

Vejamos que o processo de associação cognitiva das primeiras ideias de divindades ,nascem diante de causas desconhecidas.

Parece certo que, de acordo com o progresso natural do pensamento humano, a multidão ignorante deve, num primeiro momento, nutrir uma noção vulgar e familiar dos poderes superiores antes de ampliar sua concepção para aquele ser perfeito, que conferiu ordem a todo o plano da natureza. (HUME, 2004, p. 24).

Mais na frente, o filósofo fala também sobre as religiões:

As primeiras ideias da religião não nasceram de uma contemplação das obras da natureza, mas de uma preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano. (HUME, 2005, p. 24-25).

Vemos aqui mais uma vez a preocupação de encontrar um sentido para as causas desconhecidas, ou seja, a necessidade de conhecer o mundo que se encontra inserido. Podemos enfatizar a mente como ponto de partida para percepção de mundo, a partir da experiência,

Com efeito, é difícil imaginar como poderia funcionar a mente humana sem a convicção de que existe algo de irredutivelmente real no mundo, e é impossível imaginar como poderia ter surgido a consciência sem conferir sentido aos impulsos e experiências do Homem. A consciência de um mundo real e com um sentido está intimamente relacionada com a descoberta do sagrado. Através da experiência do sagrado, a mente humana apreendeu a diferença entre aquilo que se revela como real, poderoso, rico e significativo e aquilo que não se revela como tal – isto é, o caótico e perigoso fluxo das coisas, os seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e sem sentido. (ELIADE, 1989, p.9).

A descoberta de sentido para Eliade corresponde a descoberta do sagrado, assim a mente humana diferencia o real, o significativo do caótico e sem sentido na existência, podemos perceber que a maneira que o sentido entra na mente as torna mais importante. Poderíamos dizer que o sagrado é o sentido da existência,

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência, e não um estágio na história da consciência. Um mundo com sentido – e o Homem não pode viver no “caos” – é o resultado de um processo dialético a que se pode chamar manifestação do sagrado. A vida humana adquire sentido ao imitar os modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais. A imitação de modelos transumanos constitui uma das características primárias da vida “religiosa”, uma característica estrutural que é indiferente à cultura e à época. (ELIADE, 1989, p.10).

Em outras palavras, para Hume podemos falar em crença,

Por uma indução que me parece bastante evidente, concluo que uma opinião ou crença não é senão uma ideia que difere de uma ficção, não na natureza ou na ordem de suas partes, mas sim na *maneira* que é concebida. Mas quando pretendo explicar o que é essa *maneira*, não consigo encontrar nenhuma palavra

plenamente satisfatória, sendo por isso obrigado a apelar para aquilo que cada um sente, a fim de lhe dar uma noção perfeita dessa operação da mente. [...] A crença dá a essas ideias mais força e influência; faz que pareçam mais importantes, fixa-as na mente; e as tornam princípios reguladores de nossas ações. (HUME, 2009, p.126-127).

Diante das explicações sobre as ideias de relações e sentido da existência, ainda relacionada a ideia de Deus, poderíamos descartar essa experiência? Uma vez que tal ideia não tenha uma impressão precedente, pelo menos de imediato?

Levando-se em conta essa prioridade causal, quando uma ideia – leia-se também “palavra” ou “imagem” – é arrolada em uma discussão filosófica com pretensão de verdade, será preciso encontrar, imediatamente, uma impressão que a ela corresponda. Caso não se encontre uma impressão adequada, a ideia deverá ser recusada, posta em suspensão. Note-se que a asserção de que ideias sem impressões devem ser recusadas é uma afirmação posta em um tom exagerado, como se ideias não ocasionadas por impressões devessem de fato ser abandonadas. Hume não concordaria com essa assertiva porque, mesmo quando as ideias não correspondem às impressões, a mente, assim mesmo, pode gerar crenças com base nas ideias mais obscuras e absurdas. (SILVA, 2015, p.89).

Hume apresenta as crenças como um processo inevitável da natureza humana, evitando quaisquer radicalidade cética, porém alerta-nos para distanciar nossas crenças de possíveis e inevitáveis superstições que tendem a escravizar o pensamento humano e de deixa-lo inerte na existência aguardando um mundo no além, esse pensamento no outro mundo faz com que as pessoas tenham uma aversão a sua humanidade, esta existe para ser vivida. Portanto, podemos perceber que

E, na filosofia, não podemos ir além da afirmação de que a crença é algo *sentido* pela mente, que permite distinguir as ideias do juízo das ficções da imaginação. A crença dá a essas ideias mais força e influência; faz que pareçam mais importantes, fixa-as na mente; e as torna os princípios reguladores de todas as nossas ações. (HUME, 2009, p.127).

Uma vez que existem crenças caóticas, essas devem ser afastadas do ser humano pois seu efeito é imperativo e pode causar destruição, como inúmeros casos de discriminação, preconceitos marcados na história do povo brasileiro, pois as crenças regulam nossas ações pois são movidas por aquilo que tomamos como verdade,

[...] seja qual for o nome que possamos dar a essa sensação [*feeling*] que constitui a crença, nosso autor considera evidente que seu efeito sobre a mente é mais imperativo que de uma ficção ou mera concepção. Prova isso por meio da influencia da crença sobre as paixões e a imaginação, que só são movidas pela verdade ou por aquilo que tomamos como verdade. (DANOWSKI, 2009, p.692).

Vejamos um exemplo claro de intolerância dos que são crentes cristãos da época do filósofo., pessoas que tinham o pensamento diferente eram alvos de perseguições,

Hume procurou lançar mão de recursos literários que pudessem despistar, até certo ponto, suas verdadeiras crenças a respeito da inutilidade e periculosidade da religião para a ciência e do homem para a filosofia moral. É compreensível que seja assim porque, numa época de censura e controle religioso, críticos da religião como Hume eram alvo fácil da perseguição religiosa passíveis de penalização. (OLIVEIRA, 2013, p. 169).

Pois a religião “verdadeira” era “o Cristianismo “provincial”, isto é, puramente ocidental; um anseio por uma religião universalista, trans-histórica, “mítica”. Eliade (1989, p.56) Porém essa conclusão, temporária, diverge dos dados antropológicos universais.

Diante de um fundamentalismo absurdo, no qual um sistema se fecha e não estabelece relações coerentes com o mundo, Hume realiza suas indispensáveis críticas à religião, porém as críticas são necessárias uma vez que tal ideia leva o religioso a implicações comportamentais absurdas, distanciando sentimento e reflexão, vejamos:

Hume sabia que a crença no Deus do Teísmo é, acima de tudo, uma ideia reguladora e interveniente que se acaba tornando determinante na conduta. Isso se dá porque a certeza que Deus existe – pressuposto fundamental da religião – não é uma crença isolada. A sua aceitação leva o religioso a um universo de implicações emocionais, comportamentais, ritualísticas, credais, etc. (OLIVEIRA, 2013, p.174).

E diante das adversidades da vida, ou melhor, dos complexos fatores antagônicos presentes na existência humana, às vezes, não poucas, tornam o homem imóvel na existência, aguardando uma vida no além,

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um destes fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim. Foi precisamente este conflito interior do homem que levou os primeiros cristãos a esperarem e desejarem um final rápido para o mundo. (JUNG, 1964, p. 85-87).

Diante da Religião, tida como verdade absoluta, sendo norteadora da vida das pessoas, nas palavras de Oliveira, Hume teve o indispensável e necessário papel de desincumbir duas tarefas:

- 1) apresentar uma visão naturalista das origens e motivações da religião cristã, minando as prerrogativas sobrenaturais da origem do teísmo e das motivações da moral religiosa;
- 2) organizar a crítica profundamente cética dos principais argumentos e doutrinas dos sistemas teológicos, a fim de desacreditar racionalmente a religião cristã, pretendendo expurgá-la da esfera pública e do meio acadêmico. (OLIVEIRA, 2013, p.174).

Para evitarmos possíveis e inevitáveis escleroses no âmbito do conhecimento, uma vez que se pretendem buscar verdades exatas, jamais alcançáveis nas Ciências Humanas, mais precisamente nas Ciências das Religiões, devemos tomar a natureza humana como fonte de nossa pesquisa,

Eis, pois, o único recurso capaz de conduzir nossas investigações filosóficas ao sucesso: abandonar o método moroso e entediante que seguimos até agora e, ao invés de tomar, vez por outra, um castelo ou aldeia na fronteira, marchar diretamente para capital ou centro dessas ciências, para a própria natureza humana; estando nós de posse desta, podemos esperar uma vitória fácil em todos os outros terrenos. Partindo de tal posição, poderemos estender nossas conquistas a todas as ciências que concernem de perto à vida humana, e então proceder calmamente à investigação mas completa daquelas que são objetos de pura curiosidade. [...] Assim como a ciência do homem é o único fundamento sólido que podemos dar a ela deve estar na experiência e na observação. (HUME, 2009, p.21-22).

Diante das contribuições de Hume “A relação entre a fé e a razão jamais poderia voltar a ser o que era.” (Wrigley *apud* Oliveira, 2013, p.172). Vejamos uma exposição prática daquilo que o filósofo romeno compreende por ser, sentidos e verdade, para além do conceito enrijecido de religião.

A secularização é altamente bem sucedida ao nível da vida consciente: as velhas idéias teológicas, dogmas, crenças, rituais, instituições, etc. são progressivamente expurgados de sentido. Mas nenhum homem normal vivo pode ser reduzido à sua atividade racional consciente, pois o homem moderno continua a sonhar, a apaixonar-se, a ouvir música, a ir ao teatro, a ver filmes, a ler livros – em resumo, a viver não só num mundo histórico e natural, mas também num mundo existencial privado e num Universo imaginário. É, em primeiro lugar, o historiador e fenomenólogo das religiões quem é capaz de reconhecer e decifrar as estruturas e sentidos “religiosos” destes mundos privados ou Universos imaginários. (ELIADE, 1989, p.12).

Na maioria das vezes a secularização é mal compreendida por Instituições Religiosas enrijecidas e fechadas em suas experiências, porém a secularização diz respeito a separação entre igreja e estado, enfatizando assim as subjetividades existentes.

A secularização das sociedades modernas não se resume por isso ao processo exclusão social e cultural da religião, com o qual é frequentemente confundida. No fenômeno da secularização observa-se tanto a continuidade quanto a ruptura com o universo judaico cristão, do qual emerge o mundo moderno. (HERVIEU-LÉGER *apud* COSTA, 2016).

Assim enfatiza-se as múltiplas experiências pessoais e sociais, como a busca de significados e de como são experienciados e vividos nas várias culturas, e como podemos tomar como exemplo para enriquecer ou empobrecer as futuras experiências, através do sentimento e da reflexão,

Pois, se os “fenomenólogos” estão interessados nos significados dos dados religiosos, os “historiadores”, por seu lado, tentam mostrar a forma como esses significados foram experienciados e vividos nas várias culturas e momentos históricos, como foram transformados, enriquecidos ou empobrecidos no decurso da história. Mas, se temos de evitar afundar-nos de novo num “reducionismo” obsoleto, esta história dos significados religiosos deve ser sempre encarada como parte da história do espírito humano. (ELIADE, 1989, p.23).

Ainda que as religiões institucionalizadas encontram-se num “estágio” cristalizado da experiência religiosa, deve-se realizar necessárias reflexões que relacionam a questão do sentido da vida e a atuação e posicionamento do homem no mundo.

Mas achamos útil repetir que o *homo religiosus* representa o “homem total”; consequentemente, a ciência das religiões deve tornar-se uma disciplina total no sentido de ter de utilizar, integrar e articular os resultados obtidos pelos vários métodos de abordar um fenômeno religioso. Não basta apreender o sentido de um fenômeno religioso numa certa cultura e, consequentemente, decifrar a sua “mensagem” (pois todo o fenômeno religioso constitui uma “cifra”); há que estudar e compreender também a sua “história”, isto é, deslindar as suas alterações e modificações e, em última análise, esclarecer a sua contribuição para a cultura por inteiro. Nos últimos anos vários estudiosos sentiram a necessidade de transcender a alternativa fenomenologia religiosa ou história das religiões e chegar a uma perspectiva mais vasta na qual estas duas operações intelectuais possam aplicar-se conjuntamente. É no sentido da concepção integral da ciência das religiões que os esforços dos estudiosos parecem orientar-se hoje em dia. É claro que estas duas abordagens correspondem, em algum grau, a diferentes temperamentos filosóficos. E seria ingênuo supor que a tensão entre aqueles que tentam compreender a essência e as estruturas e aqueles cuja única preocupação é a história dos fenômenos religiosos será um dia completamente vencido. Mas tal tensão é criativa. É em virtude dela que a ciência das religiões escapará ao dogmatismo e à estagnação. (ELIADE, 1989, 22-23).

A história das religiões não é uma mera disciplina histórica como, por exemplo, a arqueologia ou a numismática. É igualmente uma hermenêutica total, já que é chamada a decifrar e explicar todo o tipo de encontro do homem com o sagrado, da pré-história até aos nossos dias.

2.2 As relações da filosofia da religião e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

A filosofia da religião contribui para evitarmos absolutismos conceituais sobre religião, em especial, na área do ensino religioso, pois inicialmente este fora concebido no processo linear, no qual era apresentando apenas a Religião Católica.

O ensino religioso está presente na colonização e na educação brasileira desde o início da nossa colonização realizada pelos portugueses. Esse ensino religioso vigente desde os seus primórdios era um ensino com ênfase na doutrina da religião oficial do império, a religião católica apostólica romana. (COSTA, 2016).

A reflexão filosófica do surgimento das crenças, apresenta-nos que estas são tecidas de uma maneira particular e coletiva, considerando o espaço e tempo que estão se desenvolvendo, logo as experiências religiosas são manifestações do espírito humano e não é monopólio de religiões institucionalizadas.

A princípio seria uma aparente contradição de falar da contribuição da filosofia de David Hume, uma vez que construída sob solo de imposições religiosas e enfatizar nos dias de hoje a questão: Como abordar religião num estado laico?

Mas afinal, o que é um a laicidade do estado? Podemos dizer que é um direito que garante ao cidadão de ter ou não ter religião e de professá-la. Não diz respeito ao arreligiosismo na esfera pública, mas a não intervenção da igreja na vida dos cidadãos.

A laicidade é baseada no respeito ao princípio da separação do poder público e administrativo do Estado e do poder religioso. O termo laicidade aparece para marcar a continuidade da história em um período de crise, uma história construída durante o século XIX, uma história de incessante secularização, na qual Estado e Igreja vão progressivamente separando-se e aonde esta vai gradativamente sendo excluída da administração, da política, da justiça e, finalmente, da escola. [...] O princípio da laicidade é, ao mesmo tempo, o de afastamento da religião do domínio político e administrativo do Estado, e do respeito ao direito de cada cidadão de ter ou não ter uma convicção religiosa e de professá-la. Tem como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos. (DOMINGOS, 2009, p.49-50).

Apesar de Hume ter realizado uma crítica à religião revelada, uma religião ideal distante da realidade, acredito que sua experiência da época reclamaria um espaço de diálogo para que pudéssemos refletir a partir da multiplicidade das crenças produzidas pelo homem, para evitarmos obscurantismos e proselitismos. Assim como a proposta do estado laico.

Logo, diante da diversidade religiosa do estado brasileiro, podemos ver que existem números diversificados de pessoas e instituições que se mobilizaram, movidos de sensibilidade e comprometimento com a causa do Ensino Religioso na Escola Pública, como isso obtêm-se

“pela Lei nº 9475/97, foi dada a nova redação do artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9394/96. **Esse foi o primeiro artigo modificado na LDBEN mediante ampla mobilização da sociedade brasileira[...].**” (FONAPER, 2009, p.5) (grifo meu).

Veremos a seguir que o Ensino Religioso encontra-se na LDB, ou seja, é componente curricular obrigatório, porém de matrícula facultativa.

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da **formação básica do cidadão** e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (BRASIL, 2005, p. 27-28) (grifo meu)

Quais as possíveis causas para um ensino religioso ser matéria de lei, porém de matrícula facultativa? Seria a matrícula facultativa uma tentativa de não excluir os ateus e garantir o respeito a diversidade cultural? Uma vez que falamos na disciplina Ensino Religioso, já daria uma direção e apenas alternativas religiosas?

Considerando a história de imposição e situações discriminatórias com as outras religiões, ocorridas no Modelo Catequético do Ensino Religioso; considerando que atualmente o Modelo é teológico, claramente da ideia de que apresenta a possibilidade de escolha entre uma opção de religião, não deixando margem para o ateu de não ter religião, por isso acredito que seja de matrícula. Porém existe o Modelo Ciências das Religiões, em construção, esse deve deixar o mais claro possível que as questões de fé, através de religião ou não devem entrar numa roda de diálogos para que haja respeito e a liberdade de escolher ou não uma religião.

Podemos então dizer que, os três modelos têm sua concretização numa certa sequência cronológica. Desse modo, o modelo catequético é o mais antigo e está relacionado, a contextos religiosos privilegiados na sociedade de outrora, embora ainda vivos e atuantes em muitas práticas que continuam apostando nessa hegemonia, assim sendo, ele se utiliza, por sua vez, de métodos modernos de ensino e divulgação; É seguido do segundo modelo, o teológico, que se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada, bem como, sobre bases antropológicas que fomentam essa interação. Por fim, o modelo que se situa no âmbito das ciências da religião, ainda em construção, nos fornece referências teóricas e metodológicas para um estudo mais sistemático e disciplinado do ensino religioso como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares e com formação própria de docentes, isentos da interferência de alguma ideologia, doutrina ou religião. (COSTA, 2016).

Vejamos como se dá tais questões através dos Eixos organizadores do conteúdo, são eles: Culturas e Tradições Religiosas, Escrituras Sagradas e/ou Tradições Orais, Teologias, Ritos e Ethos. Analisaremos a contribuição da filosofia da religião através de Culturas “É o estudo do fenômeno religioso à luz da razão humana, analisando questões como: função e valores da tradição religiosa e ética, teodiceia, tradição religiosa natural e revelada, existência e destino do ser humano nas diferentes culturas.” (FONAPER, 2009, p. 50)

Aqui vemos que o filósofo escocês presenteia-nos com discussões através de como o fenômeno religioso/crenças se apresenta e como pode ser investigado a partir da experiência e as necessárias investigações que distanciam o homem entre sentir e pensar a realidade que encontra-se inserido, apresentando ao indivíduo que tal fenômeno é múltiplo, associada a essa abordagem e uma possível especulação da disciplina ser de matrícula facultativa, podemos enfatizar que o papel do ensino religioso nas escolas públicas, garante a diversidade religiosa (garante a liberdade de ter ou não religião) a partir de uma formação adequada dos profissionais, que deverão ser avaliados pelo estado

§ 1 Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2 Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (BRASIL, 2005, p. 27-28) (grifo meu).

Devemos conscientizarmos de que a experiência religiosa/crenças se dá a partir da natureza humana, ainda que essa experiência se dê através do órgão que sente e que reflete acerca de e que age no mundo concreto, logo o conceito de religião a partir de Eliade, nos

auxilia numa compreensão que transcende o conceito associado a seres personificados (Deus, deuses ou fantasma), mas associa-se a experiência do sagrado à questões de ser, sentido e verdade, logo, a partir desta perspectiva não tem como não ser democrático, como não atender o caráter laico do estado e ainda tem com colocar questões tão íntimas e significantes para o espírito humano em diálogo, tal como propõe

Já o *Ethos* “É a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser. É formado na percepção interior de valores, de que nasce o dever como expressão da consciência e como resposta ao próprio ‘eu’ pessoal.” (FONAPER, 2009, p.55-56)

Considerando que existe preconceitos com o ensino religioso, tais como que a religião é ultrapassada, adotada por pessoas sem instrução, seria uma experiência irracional que distancia-se da razão. Pensando em limpar o terreno sobre o discurso pejorativo sobre o *irracional* na religião, refletiremos a partir de Otto.

Faremos uma breve reflexão a respeito de como compreendemos o aspecto *irracional* e *racional* na ideia do divino, logo

Por ‘irracional’ não entendemos o vago, o néscio, ainda não submetido à razão, nem a birra das pulsões individuais ou das engrenagens do mundo contra a racionalização. Usamos aquele linguajar presente, por exemplo, ao se dizer de um evento um tanto singular, que por sua *profundidade* foge à interpretação inteligente: ‘Isto tem algo de irracional’. (OTTO, 2007, p. 97).

Aqui pretendemos diferenciá-lo do “irracionalismo” moderno. E “Por ‘racional’ na ideia do divino entendemos aquilo que nela pode ser formulado com clareza, compreendido com conceitos familiares e definíveis.” (OTTO, 2007, p.97-98) Ainda que estejamos no âmbito da clareza e do conceito a respeito da ideia do divino, não podemos escapar-nos e negarmos a esfera misteriosa e obscura “que foge não ao nosso sentir, mas ao nosso pensar conceitual, e que por isso chamamos de ‘o irracional’.” (OTTO, 2007, p.98)

Ainda na tentativa de esclarecer sobre o aspecto “irracional”, não nos referimos ao eventos que as causas encontram-se temporariamente obscuras, e logo após o momento de desconcentração fica claro o objeto que causou certa emoção.

Totalmente diferentes são as coisas com o enlevo beatífico oriundo do elemento fascinante do numinoso. Mesmo a maior concentração não fará com que o objeto e a forma de atuação do objeto beatífico passem da obscuridade do sentimento para o âmbito da compreensão inteligente. O objeto permanece na indestrinçável escuridão da experiência não-conceitual, do puro sentir, não podendo ser interpretado, mas apenas insinuado pela partitura dos ideogramas interpretativos. É

isso que significa, para nós, dizer que [o objeto causador] ‘é irracional’. (OTTO, 2007, p.98).

O irracional se apresenta e nos instiga a não conformarmos com sua mera constatação, assim nos abre a compreensões e chegar a uma discussão unívoca e de validade geral, formando uma “doutrina sadia”. Seria uma tentativa de racionalizar o irracional? Vejamos:

Ao mesmo tempo, porém, o irracional nesse sentido coloca-nos diante de determinada tarefa, qual seja, de não sossegar-mos com sua mera constatação, abrindo as portas ao capricho e ao palavreiro entusiasta, mas de, mediante ideogramas, descrever seus aspectos da forma mais aproximada possível para assim firmas com ‘sinais’ duradouro aquilo que flutuava em oscilante aparição de mero sentimento, e chegar a uma discussão unívoca e de validade geral, formando ‘doutrina sadia’, que apresente estrutura firme e busque validade objetiva, ainda que opere apenas símbolos conceituais em vez de conceitos exatamente correspondentes. Trata-se não de racionalizar o irracional, o que é impossível, mas de captá-lo e fixa-lo em seus aspectos, assim fazendo frente ao ‘irracionalismo’ do entusiástico discurso arbitrário, por meio de doutrinas ‘sadias’ firmes. (OTTO, 2007, p.98-99).

Diante do esclarecimento entre o aspecto racional e irracional do divino, apresentaremos os pontos que aproximam e distanciam a espiritualidade (mística) e religião, pois o aspecto racional da religião não esgota a essência do divino.

Desconsiderar o aspecto *irracional*, implica desconsiderar as incertezas frequentes que acontecem na existência.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO HUMANA

Neste capítulo enfatizaremos o papel da religião na construção humana, no primeiro momento com base nos valores, que também encontramos no Mito, que tecem a experiência pessoal e coletiva, com uma abordagem política que diz respeito ao simples fato de conviver com o outro, visando um bem comum. Em seguida apresentaremos que as primeiras impressões da religião se dão no seio familiar e no terceiro momento enfatizaremos um necessário espaço de diálogo no qual as diferenças religiosas se encontram e precisam mais do que ser toleradas, mas respeitadas em seus valores visando um bem comum.

3.1 A religião e suas relações com a Política

.O Mito acaba tendo uma relação direta com a religião e a política, em outras palavras, com a convivência, pois sendo um meio de referência que impulsiona a ação na relação do homem-homem, homem-sociedade e sociedade-sociedade, pois são valores que encontra-se intrínseco na construção do homem e da sociedade, logo faz-se necessário avaliação e diálogo sobre tais valores que resultam em consequências na relação homem e sociedade.

Vimos nos capítulos anteriores que a religião é associada às ideias de ser, sentidos e verdades nascem de percepções de mundo, e uma busca de sentido e convivência na existência. Neste capítulo trabalharemos com alguns mitos como funções religiosas que corroboram com a moral social.

Antes de prosseguirmos, precisamos desvencilhar conceitos vulgares tal como mito é “mentira”, com o propósito de “limpar o terreno”, vejamos como se dá a compreensão do mito e posteriormente as suas funções,

Mito em grego significa narrativa e enredo. A narrativa costuma ser viva e perpassada de emoção. Possui um enredo que revela o sentido das coisas narradas. Não é algo meramente conceptual, embora use conceitos. É afetivo e obedece a lógica dos sentimentos. Por que se fazem narrativas? Porque os seres humanos, no percurso de sua vida, passam por experiências fundamentais que determinam a estrutura e o sentido da vida. (...) Ai serem contadas ou lidas sempre de novo – daí a relação estreita entre mito e literatura – descobrem-se nelas mais e mais facetas e significados que permitem permanentes atualizações. Numa palavra, os mitos são a cristalização destas experiências primordiais. Por isso são atemporais e, ao mesmo tempo, válidas para todos os tempos, e principalmente para os nossos. (BOFF, 2005, p.86).

Os mitos enquanto uma narrativa tecida a partir de experiências fundamentais relatadas a partir das cores dos sentimentos, sentidos da vida e como exemplos a de escolhas realizadas na vida e suas eventuais consequências, vem demonstrar como diz Costa(2016) que o Mito apresenta-nos uma proposta de materializar os conceitos e valores na sociedade.

Hume nos apresenta necessidades essenciais que concernem meios de conduta moral que nos serve para um convívio em sociedade:

Afirmo que essa espécie de necessidade é tão essencial à religião é à moral que sua ausência acarretaria a total ruína de ambas; e qualquer outra suposição destruiria por completo todas as leis, *divinas e humanas*. **De fato, como todas as leis humanas estão fundamentadas em recompensas e punições, admite-se certamente como um princípio fundamental que esses motivos exercem uma influência sobre a mente, produzindo boas ações e impedindo as más.** (HUME, 2009, p.446) (grifo meu).

Apresentaremos a significância de um olhar subjetivo e simbólico, e também, unido ao objetivo e científico, como condições necessárias e na tentativa de apresentar a condição humana/natureza humana como a união de paradoxos, desta forma, enfatizaremos a importância dos mitos, na prática, enquanto modelos no auxílio de escolhas. Ainda mais quando visamos às escolhas que devem priorizar o bem comum em detrimento dos interesses individuais.

Percebemos que o mito retrata situações similares às leis humanas, em contextos diferentes, pois a lógica compreende recompensas e punições, situações que produzem boas ações e impedem as más.

MITO DE ER

Tomaremos o Mito de Er como exemplo, pois este traz-nos uma reflexão ligada à religião, uma vez que relata a experiência de quase morte, do Panfílio de nascimento. Não nos interessa aqui se essa história é real ou irreal, mas a essência de sua mensagem na contribuição de reflexão para realizar escolhas, e assumi-las, independente da situação, da melhor maneira possível.

614b Er o Armênio, Panfílio de nascimento. Tendo ele morrido em combate, andavam a recolher, ao fim de dez dias, os mortos já putrefactos, quando o retiraram incorrupto. Levaram-no para casa para lhe dar sepultura, e, quando, ao décimo segundo dia, estava jazente sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no além.” (PLATÃO, 2014, p.484-485).

Apesar de apresentar explicações a partir de experiências no além, uma vez que apresenta que o futuro da alma, tais lições não está dissociada da conduta justa ou injusta vividos nessa existência.

614c [...] juízes que, depois de pronunciarem uma a sua sentença, mandavam os justos avançar para o caminho à direita, que subia para o céu, depois de lhes terem atado à frente a nota do seu julgamento; ao passo que os injustos, prescreviam que tomassem à esquerda, e para baixo, levando também atrás da nota de tudo quanto haviam feito. (PLATÃO, 2014, p.485).

E continua:

615a-615b Fossem quais fossem as injustiças cometidas e as pessoas prejudicadas, pagavam a pena de tudo isso sucessivamente, dez vezes por cada uma, quer dizer, uma vez em cada cem anos, sendo esta a duração da vida humana – a fim de pagarem, decuplicando-a, a pena do crime; por exemplo, quem fosse culpado de morte de muita gente, por ter traído Estados ou exércitos e os ter lançado na escravidão, ou por ser responsável por qualquer outro malefício, por cada um desses crimes suportava padecimentos a decuplicar; e, inversamente, se tivesse praticado boas ações e tivesse sido justo e piedoso, recebia recompensas na mesma proporção. (PLATÃO, 2014, p. 486).

Aqui podemos ver que existe uma recompensa no além a partir da conduta do homem. As situações de injustiça e justiça implicam na relação com o outro. Aqui, observamos que as almas ao retornarem da encarnação, passam pelas deusas do “destino”, filhas da Necessidade, que representam o passado, presente e futuro.

617 c Mais três mulheres estavam sentadas em círculo, a distância iguais, cada uma com seu trono, que eram as filhas da Necessidade, as Parcas, vestida de branco, com grinaldas na cabeça – Láquesis, Cloto e Átropos – as quais cantavam ao som da melodia das Sereias, Láquesis, o passado, Cloto, o presente, e Átropos o futuro. (PLATÃO, 2014, p. 489-490).

Seguindo a lógica, as almas passam primeiro por Láquesis, o passado, para que possam escolher e se responsabilizar pelo modelo de vida

617 d Ora eles, assim que chegaram, tiveram que ir junto de Láquesis. Primeiro um profeta dispô-lo por ordem. Seguidamente, pegou em lotes e modelos de vidas que estavam no colo de Láquesis, na declaração desta A responsabilidade é de quem escolhe. O deus é isento de culpa. PLATÃO, 2014, p.490).

Foram lançados “paradigmas de vida”, porém após a escolha, esta é irreversível e será ratificado pelas demais deusas, apesar de percebermos uma certa predestinação, deve-se enfatizar que existe uma escolha livre, e devemos vive-la da melhor maneira. Vemos

que a responsabilidade não cabe unicamente a Deus e à Necessidade escolher o destino do homem. Platão enfatiza que

618 b-c-d É aí que está, segundo parece, meu caro Gláucon, o grande perigo para o homem, e por esse motivo se deve ter o máximo cuidado em que cada um de nós ponha de parte os outros estudos para investigar e se aplicar a este, a ver se é capaz de saber e descobrir quem dará a possibilidade e a ciência distinguir uma vida honesta da que é má e de escolher sempre, em toda a parte, tanto quanto possível, a melhor.(...) **a vida pior e a melhor, chamando pior à que levaria a alma a tornar-se mais injusta, e melhor à que a leva a ser mais justa.** A tudo o mais ela não atenderá. (PLATÃO, 2014, p. 49) (grifo meu).

Vemos aqui a significância do reflexivo papel da filosofia nas escolhas que realizamos, ainda que no contexto do mito exista “predestinação” na escolha da vida. E em outras palavras apresentamos que o bom convívio ou o mau diz respeito à parcela que nos cabe. Apesar de o mito estar narrando uma experiência quase morte, descrevendo encontro com divindades, não podemos esquecer que o nome das divindades tem uma função associada com a etimologia do seu nome tal como a deusa Necessidade, mãe do passado, presente e futuro. Faz-se necessário que todo indivíduo realize escolhas na vida, estas se constroem a cada dia e possuem consequências, sejam positivas ou negativas de acordo com as atitudes de cada um.

619 b Ora, então, anunciou o mensageiro do além, o profeta falou deste modo: << Mesmo para quem vier em último lugar, se escolher com inteligência e viver honestamente, espera-o uma vida apetecível, e não uma desgraçada. Nem o primeiro deixe de escolher com prudência, nem o último com coragem>>. (PLATÃO, 2014, p. 492).

Após o profeta ter falado tais palavras, prossegue Er descrevendo uma atitude precipitada de uma alma que vinha do céu e teria vivido num Estado bem governado. Em seguida, apresenta a significância das experiências e conhecimentos prévios que contribuem na realização da escolha, enfatizando a devida responsabilidade do indivíduo.

Aquele quem coubera a primeira sorte logo se precipitou para escolher a tirania maior, e, por insensatez e cobiça, arrebatou-a, sem ter examinado capazmente todas as consequências, antes lhe passou despercebido que o destino que lá estava fixado comportava comer os próprios filhos e outras desgraças. Mas, depois que a observou com vagar, batia no peito e lamentava a sua escolha, sem se ater as prescrições do profeta. Efetivamente, não era a si mesmo que acusava da desgraça, mas a sorte e às divindades, e a tudo, mais do que a si mesmo. Ora esse era um dos que vinha do céu, e vivera, na encarnação anterior, num Estado bem governado; a sua participação na virtude devia-se ao hábito, não à filosofia. **Pode-se dizer que não eram menos numerosos os que, vindos do céu, se deixavam apanhar em tais situações, devido à sua falta de treino nos sofrimentos. Ao passo que os**

que vinham da terra na sua maioria, como tinham sofrido pessoalmente e visto os outros sofrer, não faziam a sua escolha à pressa. (PLATÃO, 2014, p. 492-493)(grifo meu).

Ora, quer dizer que o Estado bem governado, pressupõe uma certa “ausência” de sofrimentos, porém causa uma acomodação intelectual que se encontra no conforto, logo não se existe necessidades de buscar meios de melhoras, por outro lado os que vinham da terra, como sua maioria, tinham sofrido e visto os outros sofrerem, tinha cautela nas suas escolhas. Logo, conclui-se que o treino nos sofrimentos põe-nos num estado de alerta e análise de nossas escolhas.

Assim que todas as almas escolheram as suas vidas , avançaram, pela ordem da sorte que lhes coubera, para junto de Láquesis. Esta mandava a cada uma o gênio que preferira guardar para a sua vida e fazer cumprir o que escolhera. O gênio conduziu-a primeiro a Cloto, punha-a por baixo da mão dela e do turbilhão de fuso a girar, para ratificar o destino que depois da tiragem à sorte, escolhera. Depois de tocar no fuso, conduzia-a novamente à trama de Átropos que tornava irreversível o que fora fiado. Desse lugar sem poder voltar atrás, dirigia-se para o trono da Necessidade, passando para o outro lado. Quando as restantes passaram, todas se encaminharam para a planura do Letes, através de um calor e uma sufocação terríveis. De facto, ela era despida de árvores e de plantas. Quando já entardecia, acamparam junto do Rio Âmeles, cuja água nenhum vaso pode conservar. Todas são forçadas a beber uma certa quantidade dessa água, mas aquelas a quem a reflexão não salvaguarda bebem mais do que a medida. Enquanto se bebe, esquece-se de tudo. (PLATAO, 2014, p. 496).

Podemos tomar esse Mito como exemplo de convivência, visando um bem comum, assumir nossa história da melhor maneira possível com atos justos. Vale-nos enfatizar que, como vimos, a justiça visa o bem coletivo. A religião é positiva quando apropria-se de histórias, experiências que relatam a significância das relações saudáveis consigo, com o outro e com os deuses. Assim alcançaremos a felicidade. Devemos tomar situações como exemplo, assim podemos refletir melhor sobre o que queremos ou não para a vida pessoal e coletiva.

Percebemos que o medo, o sofrimento e a esperança são molas propulsoras para o desenvolvimento da sabedoria, bem como contribuidoras de uma moral social. Tais paixões nos aflinge, mas também são paixões reguladoras e necessárias para a existência humana.

MITO DE EROS E PSIQÜÊ

O mito de Eros e psique nos apresenta que quando o Cupido se depara com Psique, não leva em consideração opiniões alheias. (Ainda que seja uma punição de sua mãe Afrodite.)

Numa certa cidade um rei tinha três belas filhas, a caçula era a mais bonita de todas, seu nome era Psiqué. Sua beleza desafiava a beleza imortal da deusa Afrodite. Ao sentir-se confrontada, Afrodite, ao ver seus templos esvaziarem, enquanto Psiqué era objeto de adoração pública, tornando-se assim uma rival para deusa.

“Totalmente insatisfeita com a situação criada pela estonteante beleza da mortal, Afrodite articula uma cruel vingança que depende da colaboração de seu amado e belíssimo filho, Eros. Laçando mão de seus poderes sobrenaturais poderes, de flechas envenenadas de paixão, ele faria Psiqué se apaixonar loucamente pelo mais horrendo e asqueroso de todos os seres (...)” (AZEVEDO, 2009, p. 125-126)

Ao deparar-se com Psiqué no caminho Eros desnorteia-se com a incrível beleza dela, sentindo uma irremediável paixão pela mortal, não cumprindo o que sua mãe lhe havia pedido.

Em outras palavras podemos dizer que quando CUPIDO (O AMOR) encontra a PSIQUE (O SENTIDO), em outras palavras, quando o nosso coração dispara diante das coisas que tem um sentido na nossa existência, quando acreditamos no que sentimos, assim nasce o prazer. Tais situações podem ser elencadas no trabalho que realizamos, assim, apesar dos desafios pretendemos realizar da melhor maneira.

O Mito de Eros apresenta-nos que diante a construção de um encontro que vai construindo sentido, afeto e prazer, não ouvimos vozes externas à situação, mas damos ênfase aquilo que acreditamos.

Em outras palavras, diante de situações não podemos deixar-nos envolver por interesses mesquinhos, mas lutar por aquilo que acreditamos. Sem esquecer-nos que devemos lutar sempre da melhor maneira possível, com nos apresenta o Mito de Er.

O Mito de Er aborda questões religiosas, tais como a imortalidade da alma e a vida após a morte. O Panfílio em sua experiência quase morte observa a purificação e punição das almas, uma espécie de prestação de contas da vida terrena, com o objetivo de ser o mensageiro e alertar o povo. Porém, constatamos que existe uma conexão da vida terrena e da vida pós morte, o que nos põe em constante observação das nossas atitudes e posicionamentos morais na terra. Notamos um ciclo de reencarnação até a purificação plena das almas, com a constante ligação vida e a morte.

MITO DE NARCISO

Neste Mito, perceberemos que o egoísmo e a soberba nos impede de cumprirmos precisamente como um ser de relações, consigo e com o próximo. Narciso preferiu viver fechado em si mesmo. Narciso foi levado à morte, afogado pelo seu reflexo.

Narciso, um jovem de extrema beleza, era filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liriope. No entanto, apesar de atrair e despertar cobiça nas ninfas e donzelas, Narciso preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecer seu amor. E foi o seu desprezo pelos outros que o derrotou. (LUCIA, 2011).

Ao consultar o oráculo, sua mãe ficara sabendo que ele viveria por mais tempo se não conhecesse a si mesmo. Ele crescia cada vez mais belo e todas as moças queriam o seu amor, mas ele as desprezava. Certo dia o belo moço descansava e a ninfa Eco se apaixonou por ele.

Porém tendo-a rejeitado, as ninfas jogaram-lhe uma maldição: - Que Narciso ame com a mesma intensidade, sem poder possuir a pessoa amada. Nêmesis, a divindade punidora, escutou e atendeu ao pedido. Naquela região havia uma fonte límpida de águas cristalinas da qual ninguém havia se aproximado. Ao se inclinar para beber água da fonte, Narciso viu sua própria imagem refletida e encantou-se com sua visão. (LUCIA, 2011).

Podemos perceber que o amor exagerado se si próprio desconstrói o que há de belo e construtivo no homem, a teia de relações.

No mito de Narciso podemos ver que o egoísmo e a soberba destroem o indivíduo, logo são princípios que deterioram e contradizem a essência da existência sadia dos seres humanos. Logo, o egoísmo e a soberba, são coisas de idiotas, ou seja, de pessoas que vivem uma vida privada e não se abrem ao outro, ao público.

Unindo-se ao Mito de Er, o egoísmo e a soberba tem suas consequências e faz com que o indivíduo viva a sua vida da pior maneira, distanciando-se assim da justiça.

A abordagem dos mitos como instrumento das Ciências das Religiões e sua importância diz respeito à construção de valores, princípios éticos, que podem construir ou destruir civilizações, portanto precisamos **avaliar, comparar e escolher** mitos que visualizem uma construção social. Tais ações também são necessárias na religião, na família e escola, proporcionando assim uma abertura e diálogo dos valores que precisam ser descartados e os que precisam ser materializados.

3.2 A religião e suas relações na Educação

Ao falarmos sobre a relação da religião e a Educação, não podemos deixar de falar sobre a base da sociedade: a família. Logo, “a ideia do valor que existe na sociedade humana: a família como núcleo afetivo e formativo.” (SILVA, 2007, p.37). Pois se o núcleo afetivo e formativo adoece na construção de valores, tais como respeito, convivência e paciência, os demais setores da sociedade também adoecem. Vale considerar que as primeiras experiências religiosas se dão na família. Como vimos em Eliade a ideia de religião está associada a ideias de ser, sentido e verdade, logo tais ideias sofrem uma forte influência da base da sociedade. Portanto, devemos considerar que, **a religião cria princípios éticos** e tais valores são moldados na família, logo faz-se necessário estudar religião para dialogarmos com tais valores simultaneamente, e percebermos que tais questões pertencem a natureza humana, com modos pessoais e coletivos de *ser, sentido e verdade* no mundo, assim abriremos o diálogo como um meio de conhecimento para aprendermos a respeitar as diferenças e combateremos a ignorância que geram atitudes proselitistas (tentar impor a crença pessoal/social a outrem) negando a identidade religiosa do outro, nesse contexto,

Tradicional é aquilo que preserva o antigo. O antigo não é o velho. Há alguns valores na formação familiar que são antigos: convivência, afetividade, ideia de gratidão, reverência à comunidade. O que é velho: o autoritarismo, a violência, o espancamento, o machismo, o cinismo na convivência. Por isso, dos meus pais, eu trouxe aquilo que eu entendo como tradição. A defesa da honestidade, a capacidade do amor exigente. (CORTELLA, 2012).

Diante disso devemos considerar que tais valores devem ser vistos na prática, estimulando a convivência e modificando as primeiras percepções da experiência religiosa. Vejamos os esforços significativos na construção de valores.

Era difícil, mas não era impossível. Terminado o almoço, íamos todos para o sofá. Aí rolava meia hora de conversa e depois ia cada um para a sua vida. Uma das coisas que mais une as pessoas é cozinhar juntos. Criança, de 4 ou 5 anos, quando participa de uma atividade na cozinha, como lavar e guardar, aprende o sentido do coletivo e do respeito às coisas. A segunda coisa que fazíamos, aos sábados à tarde, era ouvir música com os três filhos. Cada um tinha que apresentar aos outros as músicas que gostasse. Até hoje temos afinidade musical muito assemelhada. (...) Hoje eu não tenho nenhum tipo de rejeição ao ouvir Lady Gaga, Black Eyed Peas, ou seja, eu me habituei ao prazer dessa sonoridade. Assim como eles curtem Chico Buarque. (CORTELLA, 2012).

Apresento tal referência para dizer, em outras palavras, que para construirmos uma convivência sadia é necessário conhecermos, nos relacionarmos conosco, com os outros.

Conhecendo o gosto do outro, pensando que temos gostos particulares e que gostamos de ser respeitados, aprendemos assim a respeitar o espaço do outro. Tais meios de demonstração de estilos musicais diferentes podem ser aplicados numa roda de diálogo sobre as religiões existentes, bem como ocorre diversas experiências religiosas.

Porém, não podemos fechar os olhos para a crise da função básica do núcleo familiar. Ainda mais quando não existe o diálogo sobre as diferenças existentes. Considerando tal realidade catastrófica e rica em experiências não canalizadas e refletidas, devemos apelar para o meio escolar como uma possibilidade de diálogo e respeito entre as diferenças existentes. Logo, devemos considerar que:

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p.33).

Consideramos a escola como um meio de diálogo entre as diferenças, sejam elas étnicas, culturais, sociais, religiosas, ainda mais num país com uma diversidade considerável como o Brasil. E que a religião ainda é um meio de exploração econômica, agressões físicas e discriminação. Sendo assim,

Mesmo tendo consciência de que não cabe à escola a tarefa de resolver todos os problemas não resolvidos pela sociedade em geral e pelas famílias em especial, negar a necessidade de abertura de diálogo sobre o ensino religioso na escola laica é contribuir para o obscurantismo, o sectarismo e a intolerância. Toda experiência pedagógica acumulada pelos especialistas na área nos leva a concluir que a tolerância religiosa, característica essencial da cidadania, não se constrói sobre um fundo de ignorância religiosa. A melhor maneira para contribuir significativamente para esta discussão é o início de diálogo no qual os diversos atores envolvidos (escola, sociedade, famílias e alunos, professores e demais profissionais da educação), podem discutir e interagir, de forma racional, buscando uma maior compreensão do tema. (DOMINGOS, 2009, p.68).

Visamos um espaço para que possamos interagir de forma racional e juntos refletirmos se queremos construir a cultura da morte ou a cultura da vida, em outras palavras se temos como referência um Deus da morte ou um Deus da vida, porém as nossas referências se concretizarão através de nossas ações/relações.

Logo, as discussões sobre o papel da religião e sua necessária abordagem no meio escolar, abrem um espaço de discussão a respeito do que esta desenvolve na construção da humanidade, em especial do povo brasileiro. Esses espaços de discussão devem tratar da necessária, e indispensável relação do indivíduo e sociedade.

A religião é um sistema de significados que fornece ao ser humano uma referência de vida, interferindo no seu modo de pensar, sentir e agir no mundo. São significados que portam um *ethos*. A religião confere, portanto a identidade das pessoas e sociedades, imprimindo nelas posturas mais conservadoras ou transformadoras, influenciando nos seus modelos familiares, nos seus hábitos de consumo e preferências estéticas. (PASSOS, 2005, p. 13).

Devemos observar que lutas foram marcadas diante a postura conservadora de uma religião dita verdadeira, e suas implicações no que diz respeito à discriminação que as demais religiões sofriam. Para evitarmos tais posicionamentos intolerantes, então Como contribuir significativamente para essa discussão?

Consideramos que a melhor maneira de contribuir significativamente para essa discussão consiste em dar início ao diálogo, por meio do qual os diversos atores envolvidos (escola, sociedade, famílias e alunos, professores e demais profissionais da educação) possam discutir e interagir, de forma racional, buscando uma maior compreensão do tema. Ora, é impossível entender a própria existência da história da humanidade sem um conhecimento dos fatos religiosos que a determinaram. As tradições religiosas e a história da humanidade estão intrinsecamente ligadas, fornecendo o que denominamos cultura e que é uma característica que distingue a raça humana de todas as outras espécies. Entender o fenômeno religioso, então, é essencial para a própria formação do Homem racional, para a aquisição e desenvolvimento de um espírito crítico, que lhe permitirá posicionar-se diante dos fenômenos de atualidade ou dos fatos da história da humanidade. (DOMINGOS, 2009, p. 60).

Ao abordarmos o fenômeno religioso nas escolas e enfatizado na LDB, como matéria de Lei, ainda que sendo facultativa para o aluno, enfatiza-o não como mero objeto confessional ou pertencente a uma teologia, mas um fenômeno que ocorre na natureza humana, considerado tempo e espaço, cultura e experiência, ainda mais considerando a diversidade religiosa que tece a realidade brasileira. Apresentando as múltiplas manifestações religiosas, e visando um diálogo entre as diferenças, a escola deve ser o espaço onde as diferenças se encontram acirradas e que podem ser desarmadas, através da ferramenta que se chama: *diálogo*. Logo,

Não há roteiros preestabelecidos para tanto, já que o Ensino Religioso se passa na idiossincrasia cada educando experimenta, vê, reage, sente, responde de maneira própria diante do que lhe é proposto. Por isso, o Ensino Religioso, ao se propor refletir sistematicamente com o educando a partir de seu contexto sócio-cultural-

histórico, símbolos, arquétipos e paradigmas que expressam o sentido transcendental da vida, trabalha no nível da consciência pela constatação, reflexão e transformação. Logo, a prática de sala de aula vira, tão somente, a adequar-se às necessidades dos educandos e não vice-versa: educandos terem de se adequar aos métodos e recursos utilizados. (JUNQUEIRA; WAGNER, 2011, p. 7-8).

Sendo assim, não temos como preocupação buscar uma verdade ou realizar escolhas religiosas em detrimento de outras, mas a nossa preocupação consiste discernir se nossa experiência religiosa está comprometida com projetos de vida ou de morte, se está comprometida com uma sociedade que oprime ou que liberta. Diante da análise dos contextos sociais, símbolos, arquétipos, veremos que tais situações são comuns na natureza humana, encontraremos inclusive detalhes próximos, logo devemos enfatizar um caminho humano, seja qual for a forma cultural ou religiosa. Pois, isso não impede que tenhamos uma ponto de vista, porém “O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.” (FREIRE, 1996, p.7). Ainda enfatizamos que na formação do ser humano objetivamos,

que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam; pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescente realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exerceram posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma re-leitura do passado e uma construção do futuro. (JUNQUEIRA, 2005, p. 7-8).

Assim, consideramos a religião um universo de significações e re-significações. Para relacionarmos o presente, a re-leitura do passado e uma construção do futuro devemos exercer nossa responsabilidade ética,

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. (FREIRE, 1996, p.10).

Sabemos que **a religião cria princípios éticos**, ora pautados num puritanismo hipócrita ora aberto a afrontar qualquer tipo de discriminação e exclusão social, em especial, a religiosa. Realizaremos um breve histórico do ER (Ensino Religioso) e suas transformações, podemos descrevê-los em três modelos, são eles: Catequético, Teológico e Ciências das Religiões (em construção). Observamos que no **Modelo Catequético** a ética fora negada a partir de comportamentos imorais, tais como a não aceitação de outras

manifestações religiosas, consideradas como *seitas*, *heresias* e *religiões do demônio*, uma vez que era abordado o ensino de uma religião, o cristianismo católico. O **Modelo Teológico** ainda não é completo uma vez que não consegue incluir os ateus, mas o diálogo, ainda restrito, de algumas teologias. Tais modelos desconhecem a natureza da religião, tal como fora abordada aqui. O **Modelo Ciências da Religião** propõe uma abordagem a partir da condição humana (imanência e transcendência e os paradoxos da existência) pautados não numa teologia, mas na natureza humana. Tal modelo apresenta-nos a crença, seja ela religiosa ou não. Abrindo assim ao diálogo com todos e compreendendo a religião como uma relação direta com os sentidos da existência, transpondo a compreensão que a religião encontra-se relacionada apenas as ideias de *Deus*, *deuses* ou *fantasmas*, como bem nos apresenta Eliade.

Hume nos auxiliará com suas abordagens filosóficas e metodológicas na relação ensino-aprendizagem, uma vez que o educador se permite conhecer os inúmeros universos existentes na sala de aula, e neste diálogo a oportunidade de conhecer o outro em sua complexidade, social, cultural, religiosa, afetiva, entre outras. A experiência faz-nos perceber que o sentir, o pensar e o agir são faculdades próprias do ser humano, e que tais faculdades se desenvolvem numa história, numa cultura, num povo, numa região, num país que possuem características próprias e que devem ser respeitadas. Assim o método empirista de Hume nos auxiliará a defender a multiplicidade do fenômeno religioso, através da experiência, não deixando de avalia-las para distanciar o homem de superstições que o imobilizam na existência.

O filósofo escocês dialoga com Freire uma vez que busca uma ética educativa e o diálogo que impulsiona o indivíduo a lutar, a sentir e a pensar por um espaço pessoal e coletivo enfatizando a dignidade humana, distanciando-se assim de uma ética pautada no puritanismo hipócrita fundamentada numa religião ideal distante da história, logo distante da natureza humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho: *Sobre a natureza da religião em Hume: contribuições filosóficas e metodológicas para as ciências das religiões* apresentou os aspectos da natureza da religião, a partir da natureza humana, considerando que o homem é um ser que sente, pensa e age, e que é capaz de discernir entre a **cultura da vida** e a **cultura da morte**. Por sua vez, o homem na sua condição humana vive o *irracional* e *racional*, imanência e transcendência, a tristeza e a alegria. Tais paradoxos não são excludentes, logo devem andar juntos.

Diante disso, este trabalho refletiu sobre as percepções da religião, apresentou uma metodologia empirista e demonstrou o papel da religião na construção humana. De tal maneira que esclareceu conceitos enrijecidos de religião, distantes da natureza humana e suas consequências na vida pessoal e coletiva, uma vez que falamos de valores que regulam a vida das pessoas.

Dessa forma, apresentamos os elementos que tecem o sentimento religioso como: o medo, a esperança e a morte, despertados diante das *causas desconhecidas*, que acabam por nortear os princípios reguladores na vida das pessoas, ora de maneira desordenada, ora de maneira consciente, através da condição humana e de sua abertura ao infinito. Queremos dizer que estes sentimentos não são privilégios de qualquer Religião, seja ela institucionalizada ou não, mas sim da natureza humana. Pois a construção racional da experiência religiosa é antes de tudo uma experiência sensível.

O conhecimento da natureza da religião fundamentada na natureza humana é um meio indispensável para diminuir a ignorância frente ao fenômeno religioso, contribuindo assim para a construção de um novo tempo pautado no diálogo e no respeito diante a diversidade existente no Brasil, tais como religiosa e cultural. Visando utilizar-se da experiência sensível e da razão para avaliarmos as crenças, distanciando-as de possíveis e inevitáveis superstições que tendem a escravizar o pensamento crítico.

Verificamos ainda que o princípio do conhecimento para analisar a natureza da religião fundamenta-se em *percepções*, uma vez que esta encontra-se dividida em *impressões* e *ideias*. Em outras palavras poderíamos dizer que as *impressões e ideias*, contribuem para distinguirmos e unirmos o sentir e o pensar. Pois os sentidos por si sós não são algo que podemos confiar plenamente, uma vez que se faz necessário que sejam

corrigidos pela razão. A qual busca constantemente avaliar as circunstâncias e as causas de tais sensações, para que assim possa reparar possíveis distorções na interpretação.

Neste sentido, precisamos contribuir para que “representantes religiosos”, os homens, seres sociais, não utilizem a religião para influenciar/manipular pessoas, tornando-as massa de manobra para manterem-se no poder. Em outras palavras poderíamos dizer que a religião pode tornar-se perigosa nas mãos e palavras de homens sem princípios éticos. Utilizando-se de discursos “politicamente correto” e humanamente esvaziado de sensibilidade. Pois as superstições distanciam o homem de sua natureza, tornando-o imóvel na existência.

Desta forma, enfatizamos a conscientização dos indivíduos a partir de um espaço de diálogo, a escola, através da disciplina ensino religioso que difere do ensino catequético e teológico, mas enfatiza o modelo Ciências da Religião (ainda em construção) que propõe a avaliação dos valores que norteiam as nossas vidas, fazendo-nos optar entre a **cultura da vida** ou a **cultura da morte**, a partir de crenças religiosas ou não. Pois, a sala de aula deve ser um espaço para perceber e dialogar as/sobre as diferenças religiosas existentes (reconhecendo-as como algo próprio da natureza humana) e provocar um espírito crítico que venha a construir uma nova humanidade pautada na sensibilidade, reflexão e ação.

Pois, diante de uma sociedade profundamente marcada por escravidão, discriminação, subserviência e intolerância causada por fundamentalismo religioso, pautado numa interpretação racional e metafísica da religião, torna-se cada vez mais necessário e urgente estudos sobre a natureza da religião pautado na natureza humana, a partir da realidade socioantropológica dos muitos credos, vislumbrando um espaço de diálogo na sociedade, em especial na escola onde as diferenças se encontram. Construindo assim uma formação do caráter ético do cidadão brasileiro, enfatizando suas faculdades naturais: o sentir, o pensar e o agir na realidade. Nestas circunstâncias também corroboramos a laicidade do estado brasileiro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Patrick Wagner de. **Eros e psiqué: o mito sob um olhar Existencial e humanista**. Perspectiva online. Vol 3. N. 9. 2009.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: O ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Virtudes para um outro mundo possível, vol. I**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANDT, Hermann. **Apresentação**. In: OTTO, R. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua reação com o racional. 2. ed. Traduzido por Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

COBRA, Rubem Quiroz. (1997) **Vida, época, filosofia e obras de David Hume**. Online: <http://www.cobra.pages.nom.br/fmp-hume.html>. Acesso em 24/4/2016.

CONTE, Jaimir. **A natureza da filosofia de Hume**. Anais do III Colóquio Internacional de Metafísica. Natal, RN, 2010.

CORTELLA, Mario Sérgio. (2012) **Redação pais&filhos**. Entrevista. Online: <http://www.paisefilhos.com.br/mais/mario-sergio-cortella/>. Acesso em 17/5/2016.

COSTA, Bruno Pontes da. **O Ensino Religioso no Brasil: Uma perspectiva pedagógica e fenomenológica**. 2016. (# pag) p. Dissertação de Mestrado, Olford Walters College and University.

DANOWSKI, Déborah. **Prefácio**. In: HUME, D. Tratado da natureza humana. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2009.

DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. Ensino religioso e estado laico: uma lição de tolerância. **Revista de estudos da religião**. Setembro, 2009, pp.45-70.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido da religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 3. ed. São Paulo: Mundo Mirin, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUME, David. **Da imortalidade da alma e outros textos póstumos**. Tradução de Davi de Souza. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

_____. **Da superstição e do entusiasmo.** 2015. Tradução de Eliana Curado. Online: <http://criticanarede.com/dhmedasupersticaoedoentusiasmo.html>. Acesso 19/3/2016

_____. **Diálogos sobre a religião natural.** Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **História natural da religião.** São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral.** Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Tratado da natureza humana.** Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2009.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica.** Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2000. Online:

_____. (Org.) **O homem e seus símbolos.** “Rio de Janeiro”: Nova Fronteira, 1964.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Psicologia e religião.** Tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNQUEIRA, Sergio. **O ensino religioso é área de conhecimento? Por que? O que é uma área de conhecimento?** In: JUNQUEIRA, Sergio.(Org.) Ensino religioso em questão – Boletim do Setor de Ensino Religioso da CNBB, 2005.

JUNQUEIRA, Sergio; WAGNER, Raul. (Orgs.) **Ensino religioso no Brasil.** 2 ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

LARRUSCAHIM, Márcio. **Os elementos da filosofia em Hume.** 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LUCIA. (2011) **Narciso, a paixão por si mesmo.** Online: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/03/narciso-paixao-por-si-mesmo.html>. Acesso em 17/5/2016

OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. Lugar e papel da crítica à religião na filosofia de David Hume. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.** V. 3, n. 1 (2013).

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua reação com o racional.** 2. ed. Traduzido por Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo.** São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2005.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 14 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

SANTIAGO, Emerson. **David Hume**. Online:
<http://www.infoescola.com/biografias/david-hume/>. Acesso em 24/4/2016.

SILVA, André Luiz Olivier da. Qual origem de nossas ideias? O processo cognitivo de associação de ideias segundo a metodologia empirista de David Hume. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 169 (2015).

SILVA, Edilma Sabino da. **Padre Nicola Mazza e a vivência dos valores evangélicos autotranscendentes**. Monografia – Curso de pós graduação em Psicopedagogia. São Paulo: Universidade d'Oeste de Santa Catarina, 2007.